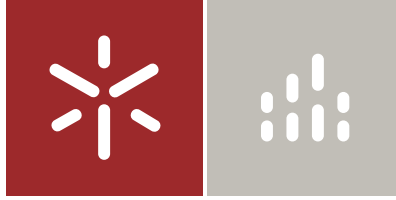




Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Filipa Monteiro Teixeira

(Re)habitar hoje um espaço de ontem:
(Re)pensar a casa em tempos de pandemia



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Filipa Monteiro Teixeira

(Re)habitar hoje um espaço de ontem:
(Re)pensar a casa em tempos de pandemia

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Área de Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Luísa Rodrigues

abril de 2022

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

AGRADECIMENTOS

À professora Ana Luísa, pela sua orientação, interesse, paciência e constante motivação que manifestou enquanto professora e sobretudo como orientadora nesta fase final do meu percurso académico.

À minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos pelo carinho e por serem o maior apoio em todas as horas e a qualquer chamada.

À minha família e amigos pela união, amizade e preocupação.

Ao professor Guilherme, à professora Ana e à Cláudia por toda a ajuda e disponibilidade.

Ao engenheiro Paulo Barreira por toda a atenção, interesse e facultação de informação sobre a história da Casa Nazareth.

Ao Armando, por tudo.

Este estudo explora a relação entre a habitação e o habitante tendo em conta as necessidades do homem contemporâneo face a uma situação pandémica, como a que estivemos sujeitos, no caso do Covid-19. O modo como se habita a casa, sofre fatalmente alterações, impondo funcionalidades específicas no espaço doméstico, por força da sua utilização quotidiana mais intensiva. Um mesmo espaço poderá servir para lazer e trabalho, acarretando uma maior partilha e cruzamento de interesses diversos. Torna-se, assim, mais imperativo o papel da sua arquitetura no repensar, propor e solucionar destes novos problemas emergentes.

Recorrendo à intervenção de um edifício abandonado – a *Casa Nazareth*, resalta-se a importância de adaptarmos o pré-existente às necessidades das vivências atuais, por exemplo: o confinamento e o teletrabalho consequentes de uma pandemia. Deste modo, a primeira parte fundamenta-se no estudo iniciado por investigadores da Universidade do Minho que expõe os problemas na procura de soluções, para posteriormente, ao fazer-se o reconhecimento do objeto de estudo, conjuntamente com o lugar onde se integra, compreender e intervir de forma a preservar a memória do mesmo, mas repensando a sua organização e funcionalidade interior.

Na segunda parte, faz-se uma aplicação prática do modelo teórico apresentado em “*Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*”^(RODRIGUES), onde se sugere uma solução que se pretende flexível e que agilize a rotina dos possíveis habitantes na casa.

Assim, este trabalho procura evidenciar a importância do papel do arquiteto numa sociedade em constante mutação, propondo uma reflexão sobre a necessidade de intervir no espaço da casa para responder aos problemas da domesticidade contemporânea e precaver possíveis situações num futuro próximo.

This study explores the relationship between housing and the inhabitant taking into account the needs of contemporary man facing a pandemic situation, as we were subjected in the case of Covid-19. The way you live the house brings inevitable changes, imposing specific features in domestic space, due to its more intensive daily use. The same space may serve for leisure and work, leading to a greater sharing and crossing of various interests. Thus, the role of architecture in rethinking, proposing, and solving these new emerging problems becomes more imperative.

Using the intervention of an abandoned building - *Nazareth House* - we highlight the importance of adapting the pre-existent to the needs of the current experiences, for example: the lockdown and the telework consequent of a pandemic. In this way, the first part is based on the study initiated by researchers from the University of Minho, which exposes the problems in the search for solutions, so that later, when the recognition of the object of study is made, together with the place where it is integrated, we understand and intervene in order to preserve its memory but rethinking its organization and interior functionality.

In the second part, a practical application of the theoretical model presented in "*Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*"^(RODRIGUES), where it is suggested a solution that is intended to be flexible and to speed up the routine of the possible inhabitants in the house.

This work highlights the importance of the architect's role in a constant mutation society, proposing a reflection on the need to intervene in space of the house to respond to the problems of contemporary domesticity and to prevent possible situations in the near future.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
1 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 (CON)VIVER EM TEMPOS DE PANDEMIA: DOMESTICIDADE CONTEMPORÂNEA	21
1.1.2 A CASA E O CONFINAMENTO	23
1.2 O OBJETO	17
1.2.1 CASA NAZARETH: ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO	31
1.2.2 LEITURA DO OBJETO	34
2 O PROJETO	
2.1 CONCEITO: ADAPTABILIDADE CONFINADA	39
2.2 PROPOSTA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
ANEXOS	67
LISTA DE IMAGENS	80
BIBLIOGRAFIA	87



FIG 1 | Ilustração *CASA NAZARETH*

O presente estudo tem como principal objetivo alertar para a ajuda e importância da intervenção do arquiteto em aspetos da sociedade, em geral, e contemporânea em particular. Pretende-se refletir e (re)pensar a casa no modo de a habitar e compreender como a situação pandémica, a que o mundo foi sujeito, pode ter sido um fator impulsionador para uma maior necessidade e urgente intervenção.

Apoiando-se em estudos elaborados por investigadores na área da saúde ao longo destes últimos dois anos por causa do COVID-19 e consequente confinamento da população neste longo tempo - tendo resultados evidentes na saúde física e mental das pessoas - questiona-se de que forma poder-se-á atuar para combater esses problemas num futuro próximo. Assim, a motivação do trabalho assentará na reconversão parcial do programa pré-existente de um edifício abandonado – *Casa Nazareth*, situado em Amarante, num programa habitacional que possa responder às necessidades do novo modo de habitar. Reservando o valor e essência deste edifício, pretende-se criar um vínculo entre o passado, que sustentará a base de todas as ideias, e o futuro, numa nova realidade de confinamento, possibilitando a adaptabilidade das propostas apresentadas na eventualidade de um acontecimento futuro semelhante, onde a rotina do confinamento seja novamente requerida.

Apresenta-se assim na proposta deste projeto um “modelo-tipo” das soluções encontradas, face aos problemas detetados numa fase inicial, podendo ser implementadas no desenvolvimento de novos projetos ou igualmente em reabilitações de edifícios antigos.

ESTRUTURA

A estrutura pela qual se rege este trabalho divide-se em duas partes seguindo uma ordem lógica, partindo de um campo geral onde se expõe os dados do problema na procura de soluções, para o particular, onde se sugere a resolução dos mesmos.

Na primeira parte, a sustentação teórica que se debruça sobre a *Domesticidade Contemporânea*, enuncia o enquadramento do tema principal desta pesquisa ao identificar o conceito/influência da pandemia, e a partir de dados precisos presentes em estudos que promovem a saúde mental, detetar posteriormente os fatores responsáveis pela ação negativa do confinamento no dia-a-dia das pessoas – *(Con)viver em tempos de pandemia*.

Assim, ao compreender o surgimento e as implicações de uma pandemia na sociedade, especialmente para a casa, procura-se perceber de que modo se poderá intervir na construção e organização de uma habitação, de forma a contornar a problemática do isolamento, transformando esta mudança num aspeto positivo e motivador. Logo, após uma triagem dos problemas arquitetónicos referidos pela população, durante o seu confinamento, distinguem-se os agentes protetores a serem corrigidos e implementados na nova habitação - *A Casa e o Confinamento*.

Após detetados os problemas, procurou-se encontrar uma casa que servisse de base para aplicar as novas soluções – visando um possível modelo-tipo dos conceitos a serem repensados na casa. A escolha do caso de estudo – *Casa Nazareth* - foi também ela imprescindível no desenvolvimento deste trabalho, uma vez que representa não só um edifício antigo que irá ser submetido a uma nova intervenção, a um novo e diferente pensamento, mas também porque assume um marco importante no enquadramento da cidade e terá de adquirir um tratamento mais cuidado e não tão radicalista. Com isto, salvaguardam-se as diversas situações em que estas propostas poderão ser implementadas, uma vez que se foi tido em conta igualmente diferentes frentes.

Depois do reconhecimento *arquitetónico e histórico/geográfico*, compreende-se a sua organização, defendendo os aspetos característicos dominantes. Reforça-se assim a importância de intervir em edifícios antigos abandonados, ao dar-lhes uma nova oportunidade, no caso, optar por um programa totalmente habitacional devido à necessidade notória de repensar o modo de habitar, para combater a escassez e abandono dos mesmos nos centros históricos.

Na última parte, Adaptabilidade Confinada, teve como matriz da sua proposta o modelo teórico apresentado em “*Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*”¹ (RODRIGUES, AL) onde se destacam quatro tópicos alicerçais - *Let it slide; Let it be seen; Let it be air; Let it be green*. Estes foram ajustados ao objeto de estudo em questão, constituindo assim a proposta de uma solução flexível e possível de ser adaptada a outros projetos, uma vez que este exercício não visa apresentar uma só solução final, mas sim possibilitar várias hipóteses partindo do mesmo conceito.

METODOLOGIA

Num primeiro momento realiza-se uma sustentação teórica que visa compreender fatores geradores e protetores da questão – *(re)habitar o hoje* – para propor soluções dos problemas do – *espaço de ontem*.

No decorrer do trabalho opta-se pela utilização única de desenhos produzidos pelo autor, enquanto abordagem mais pessoal e expressiva, que corresponde também à agilidade e expressividade do projeto apresentado.

¹ Rodrigues, Ana Luísa. Publicado em “Cities in Changing World, Questions of Culture, Climate and Design”. AMPS Proceedings Series 24.2. New York: June 2021

A representação dos esquemas ilustrativos e dos elementos arquitetónicos limita de certa forma o rigor devido à sua escala de representação, que, no entanto, se justifica com o intuito conceptual de uma proposta-tipo. Os mesmos, por vezes, são apresentados com a sobreposição de folhas transparentes que simulam a utilização e apropriação do Homem no espaço, podendo ser interpretada pelo conjunto ou individualmente.

De forma a proporcionar uma leitura fluída do texto, optou-se pela tradução (parcial) das citações provenientes do capítulo “*Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*”² de Ana Luísa Rodrigues. A tradução foi realizada pela autora, salvaguardando alguns termos – como o caso dos quatro tópicos usados como matriz do projeto - que não requeriam uma tradução direta.

ESTADO DE ARTE

Ao longo do tempo, o tema da Habitação e a forma como o modo de a Habitar se foi alterando tem sido trabalhado por inúmeros autores. No caso, a dissertação de mestrado intitulada de “*Adaptabilidade do construído: Reconversão da antiga Adega Cooperativa de Braga em coabitação*”³ de Hélio Peixoto, apresenta uma intervenção num edifício antigo – Adega Cooperativa de Braga, com uma ideia inovadora, de modo a proporcionar-lhe uma nova oportunidade, um novo uso, mas conservando e valorizando a sua memória. Assim como o presente trabalho pretende apresentar uma proposta flexível e adaptável, também o autor sugere “tornar este edifício num modelo-tipo que servirá para repensar as ideias (...) podendo ser implementadas noutros projetos novos ou reabilitações”⁴. Ambos os estudos apresentam intenções arquitetónicas muito idênticas, porém alterações de funcionalidade diferentes, num adaptou-se um conceito de habitação já existente e noutro converteu-se uma adega em coabitação.

² Publicado em “Cities in Changing World, Questions of Culture, Climate and Design”. AMPS Proceedings Series 24.2. New York: June 2021

³ Publicado em Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, outubro de 2020,

⁴ PEIXOTO, Hélio, em “Adaptabilidade do construído: Reconversão da antiga Adega Cooperativa de Braga em coabitação”, página 17

Por outro lado, apresenta-se a obra “Rockefeller Guest House” de Philip Johnson, localizado em Nova York. Aqui, o arquiteto demole o edifício existente, deixando apenas as paredes de tijolos que ladeiam o terreno e correspondem ao piso térreo atual. Uma intervenção modernista, finalizada no ano de 1950, que contrasta e harmoniza com o pré-existente convencional. Análogo ao estudo corrente, existe o respeito pela memória de um passado, porém parcialmente, uma vez que a construção da fachada do primeiro piso em vidro, simétrica ao piso térreo em tijolo, acaba por ganhar uma imposição de uma nova época, um novo material, um novo pensamento num meio urbano.

Contrariamente, na proposta deste estudo manter a fachada totalmente intacta foi um fator indiscutível, de modo que as ideias contemporâneas sejam implementadas somente no seu interior, não havendo conflito, mas sim um diálogo constante entre passado e futuro, do interior para o exterior da casa.

Por fim é importante salientar que para complementar as ideias base desta proposta, emprega-se uma referência que se verifica constante em vários momentos – a arquitetura doméstica japonesa. Partindo sempre de um conceito geral e tendo em conta a influência da sua arquitetura tradicional, revêm-se os modos na atualidade e replicam-se elementos característicos da mesma. Estes são adaptados ao objeto em estudo por se legitimar como uma solução facilmente adaptável, coerente e flexível para os problemas detetados numa fase inicial.

Com este trabalho pretende-se reconhecer e explorar a nova adaptabilidade da habitação, tendo em conta a problemática do confinamento, ao socorrer-se de referências igualmente flexíveis e adaptáveis, que consigam respeitar a existência de um espaço de ontem para a criação de um habitar de hoje.

1 | SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 | (CON)VIVER EM TEMPOS DE PANDEMIA: DOMESTICIDADE CONTEMPORÂNEA

“Confirmado primeiro caso de coronavírus em Portugal.”⁵

Também designada de coronavírus, a COVID-19 é uma doença respiratória infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, tendo sido detetado o primeiro caso mundialmente a dezembro de 2019 em Wuhan, na China.

“No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto (...) como emergência de saúde pública de âmbito internacional (...) e, a 11 de março, como uma pandemia.”⁶

A propagação desta doença alastrou-se por todo o mundo a um ritmo alarmante, tendo sido detetado o primeiro caso em Portugal logo a 2 de março de 2020, como anunciou Marta Temido numa conferência. Como referiram, o primeiro doente infetado anunciado foi um homem de 60 anos, médico de profissão que teria viajado para o Norte de Itália – na altura era o país com mais casos confirmados e número de óbitos, a seguir à China.

O rápido contágio da doença passou a ser uma realidade comum e toda a população mundial, direta ou indiretamente, vivenciou as consequências deste. A maioria das pessoas infetadas apresentava sintomas ligeiros, recuperando facilmente sem precisar de recorrer a assistência médica. Os sintomas considerados mais frequentes eram constituídos por febres altas; tosse e dificuldade respiratória; cansaço e dores generalizadas do corpo ou até perda parcial/total do olfato e paladar.

“Em casos mais graves, pode levar a pneumonia grave com insuficiência respiratória aguda, falência renal e de outros órgãos, e eventual morte.”⁷

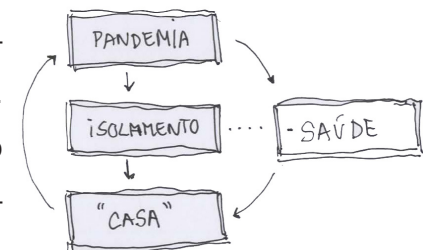


FIG 2 | (Con)viver em tempos de pandemia

⁵ RICO, Carolina. Publicado em TSF Rádio de Notícias, 2 março 2020

⁶ Publicado por Entidade Reguladora da Saúde, 7 abril 2021

⁷ Ministra da Saúde em Portugal, numa conferência de imprensa juntamente com a Diretora-Geral da Saúde, Graça Freitas

⁸ DGS. Publicado em SNS 24, atualizado a 25 junho de 2021

No entanto, as pessoas mais indefesas como o caso dos idosos e pessoas com outras doenças associadas corriam risco de vida, devido à rápida propagação do vírus. Posto isto, surgiu a necessidade urgente de isolar a população para tentar controlar a contaminação do mesmo.

Uns dias mais tarde, após terem sido fechadas as escolas, foi decretado o Estado de Emergência⁹, que se aplicava a toda a população com restrições à circulação da mesma. Foi recomendado o confinamento na habitação, exceto para atividades consideradas essenciais como trabalho autorizado, deslocações à farmácia e aos supermercados e, ainda, a prática de exercício físico por períodos limitados.¹⁰

Alertava-se para o cuidado constante mantendo o distanciamento social, a persistente higienização pessoal e do meio e a obrigatoriedade do teletrabalho. É neste contexto que a problemática de todo o estudo surge – como iria um núcleo familiar, constituído por diferentes faixas etárias e consequentes profissões, habitar o mesmo lugar em simultâneo, mantendo a sua rotina individual num espaço que não estaria preparado para tal?

Assim, inicia-se uma pesquisa para tentar identificar os problemas que a habitação enfrenta e terá que solucionar para agilizar a ocupação do espaço por todos os habitantes. Esta tornou-se uma nova realidade, não planeada e não medida, até então, nas suas consequências e dificuldades.

⁹ Anunciado pelo Presidente da República e permite a suspensão de direitos, liberdades e garantias dos cidadãos

¹⁰ MORGADO, Pedro. Em “Saúde mental em tempos de pandemia COVID-19: uma perspetiva da Medicina”, novembro 2020

1.1.2 | A CASA E O CONFINAMENTO

A saúde mental da população foi muito afetada pelo isolamento forçado, não se sabendo ainda as reais consequências. O ter que ficar restringido a quatro paredes, 24 sob 24 horas, e o tentar gerir o próprio trabalho, enquanto se organizam e controlam as aulas dos filhos, fez com que o dia tivesse menos horas e as tarefas a fazer, duplicassem. A pausa para “hora de almoço” deixou de fazer parte da rotina, porém a atividade física e o “passear o cão” tornaram-se regra, como forma de escapar ao aprisionamento diário.

Deste modo, constatou-se que era mais do que importante mudar o espaço que habitamos e nos habita, para que assim se pudesse criar uma perfeita harmonia entre a habitação e o seu habitante.

Contrariando o conceito “cidades sujas e edifícios feios convidam a uma expressão de emoções negativas”¹¹ neste novo modo de pensar a arquitetura, pretende-se criar ambientes agradáveis e flexíveis, para que o habitante possa adaptar o espaço consoante as suas necessidades, mas acima de tudo, possa criar um espaço confortável com a qual se identifique positivamente e se sinta de facto “em casa”.

Com base numa conferência dada por Pedro Morgado¹² na Universidade do Minho no dia 28 maio de 2021, intitulada de “*Saúde Mental, Urbanismo E Arquitetura – Da Normalidade À Pandemia*”, iniciou-se uma reflexão sobre quais seriam os fatores que estavam a afetar negativamente o confinamento/isolamento da população.

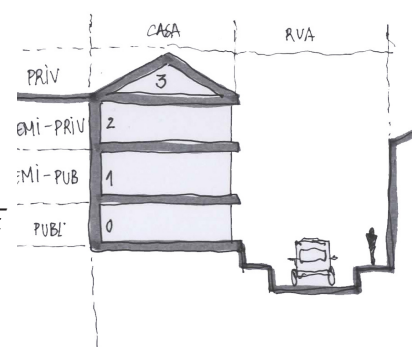


FIG 3 | Relação CASA | RUA

¹¹ MORGADO, Pedro. Em conferência “Saúde Mental, Urbanismo E Arquitetura – Da Normalidade À Pandemia”, maio 2021

¹² Médico psiquiatra no Hospital de Braga, investigador do domínio de Neurociências, docente e vice-presidente da Escola de Medicina da Universidade do Minho.

*“A arquitetura e urbanismo são meios de nos relacionarmos e partes integrantes do próprio conceito de saúde mental, visto serem os responsáveis por proporcionar e idealizar o lugar onde vivemos e convivemos uns com os outros (...) A Arquitetura é uma arma poderosa para mudar a vida das pessoas.”*¹³

Partindo de um campo mais geral, também na cidade é necessário intervir, para criar espaço público de modo a promover relações entre as pessoas. Criar mais zonas verdes e retirar o automóvel dos centros das cidades (históricas) seria um fator primordial, uma vez que assim as pessoas ao poderem ausentar-se da sua habitação, conseguiriam circular mais livremente e conviver muito mais ativamente, sem estarem constantemente contaminadas com a poluição sonora e visual, tão prejudiciais nos dias que correm. Assim, ao cultivar melhor o espaço público, automaticamente tornava-se o próprio percurso casa/ trabalho em algo positivo e motivador e não uma tarefa monótona e forçosa.

Uma vez que também estes exemplos constituem alguns dos fatores que favorecem o surgimento e agravamento das doenças psiquiátricas, se de facto se pretende melhorar os indicadores de saúde, *não basta apenas cuidar das doenças, mas sim de preveni-las em todos os setores, neste caso dando sentido e boa utilidade aos espaços para promover relações e consequentemente a saúde mental.*

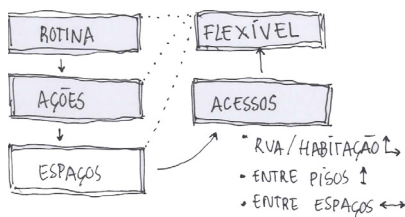


FIG 4 | A casa, organização e funcionalidade

*“A promoção da saúde mental evita o desenvolvimento de doença psiquiátrica – a adaptação é essencial”, precisamos de adaptar as nossas vidas, as nossas cidades, as nossas casas. **A pandemia deu-nos essa oportunidade.**”*¹⁴

¹³ MORGADO, Pedro. Em conferência “Saúde Mental, Urbanismo E Arquitetura – Da Normalidade À Pandemia”, maio 2021

¹⁴ *Ibidem*

Tendo por base o projeto “*Promoting Mental Health During Pandemic*”¹⁵, volta-se agora ao fundamental deste estudo – a CASA – ressaltando os problemas existentes na habitação em contexto de pandemia, para de seguida se aplicar as possíveis soluções.

Este projeto, cujo objetivo inicial foi o de compreender o impacto da pandemia COVID-19 na saúde mental da população adulta residente em Portugal, iniciou um estudo com avaliação semanal, compreendido entre o dia 23 de março de 2020, até ao dia 18 de maio de 2020. Nesta análise, observaram-se cerca de 2.000 pessoas nos diversos aspetos da vida das mesmas, como o caso de dados sociodemográficos, depressão, *stress*, sintomas obsessivo-compulsivos e de personalidade.

Para tal, foi elaborado um questionário onde se tentou compreender que fatores eram considerados importantes no espaço da casa e perceber consequentemente, de acordo com os dados avaliados e referidos anteriormente, se de facto teriam influência na saúde mental de cada pessoa. Entre as questões colocadas estavam exemplos como: “*Quantas pessoas habitam a casa? Quantas divisões existem? Existe um escritório? Tem acesso a espaços exteriores, pátio ou varanda? Vive num contexto urbano ou rural? Tem jardim ou animal de estimação? (...)*”.

Mais tarde, ao serem apresentados estes dados numa conferência a alunos de doutoramento em Arquitetura, o número de questões aumentou e diversificou-se, visto terem claramente um outro ponto de vista sobre o tema – questionariam também se “*Tinham espaços com luz de sol direta? Como era o conforto térmico e acústico? Existia um espaço para cada função? A função de cada espaço tinha mudado? Viviam em apartamento ou casa? Mudaram de habitação durante o confinamento?...*”. Ainda que o número de questões sobre o mesmo estudo tenha variado, a conclusão deu ênfase ao “fator protetor para a saúde mental” que correspondeu igualmente para ambas as partes – o ter um JARDIM/espaço exterior livre que pudessem usufruir.



FIG 5 | Análise dos níveis de stress na população

¹⁵ Liderado pelo Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde da Escola de Medicina da Universidade do Minho, sob coordenação de Pedro Morgado

“Os mais velhos parecem sofrer menos consequências psicológicas com o isolamento social. Ajuda ter um jardim, mas demasiada informação sobre a covid-19 tem um efeito negativo”¹⁶



FIG 6 | Habitante com nível de stress baixo

Posto isto, concluiu-se que também a prática de exercício físico demonstrou ser um indicador positivo e adotado por grande parte da população durante o isolamento, contrariamente à qualidade do sono que agravou na generalidade. Os jovens eram quem apresentava maiores níveis de stress e depressão sobretudo no início da pandemia, porém as pessoas que se mantinham a trabalhar melhoravam nestes aspetos, comparativamente com quem estava desempregado.

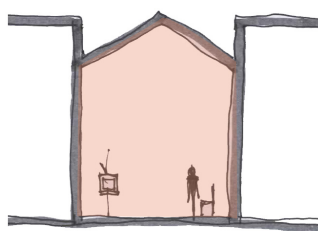


FIG 7 | Habitante com nível de stress alto

O teletrabalho passou a ser reconhecido por muitas empresas como algo a adotar futuramente, por se tornar mais vantajoso em termos de custos e rentabilidade de tempo. Então, concluiu-se que o espaço, sim, é que teria de se adaptar às necessidades de cada um. Ainda que a pandemia possa “acabar”, ou até na eventualidade de se voltar a ficar confinado, muitas das pessoas continuarão a trabalhar mais nas suas casas, então é urgente repensar a casa do “agora” para agilizar a flexibilidade do “amanhã”.

¹⁶ SALEMA, Isabel. Publicado em Jornal Público, 21 abril 2020

Por conseguinte, para se idealizar uma proposta - onde todos habitantes consigam viver em harmonia tendo a privacidade, sossego a trabalhar e simultaneamente a relação constante entre todos – fez-se uma fusão dos agentes principais a ter em conta, dos quais se destaca a importância de:

CRIAR E AUMENTAR OS ESPAÇOS VERDES JUNTO DAS HABITAÇÕES

de modo a promover o bem-estar físico e emocional dos cidadãos, assim como implementar o cultivo do próprio alimento através de pequenas hortas como forma de ocupação e fácil acesso seguro a recursos alimentares.

TRAZER O “VERDE” PARA INTERIOR DA HABITAÇÃO

- transportar a vida, frescura e cor da Natureza atribui conforto aos ambientes interiores, uma vez que ao renovarem a qualidade do ar acabam também por contribuir para a boa qualidade de vida do habitante;

SUSTENTABILIDADE

- tirar o maior proveito possível da incidência de luz solar para iluminar e ventilar naturalmente os espaços, bem como usar materiais que controlem o conforto térmico, para conseqüente poupança de energia;

REVESTIMENTOS DE FÁCIL HIGIENIZAÇÃO

- como o caso dos pavimentos cerâmicos ou vinílicos com grande variedade de texturas, e que simultaneamente atribuem conforto térmico e acústico ao espaço;

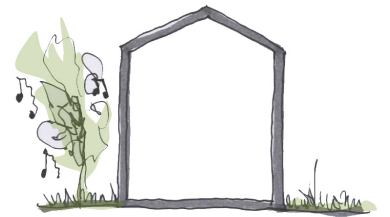


FIG 8 | Espaços verdes exteriores

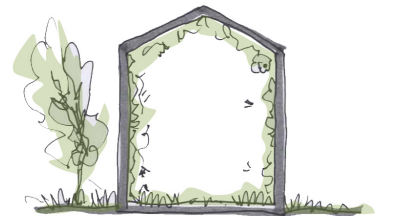


FIG 9 | Vegetação exterior/interior

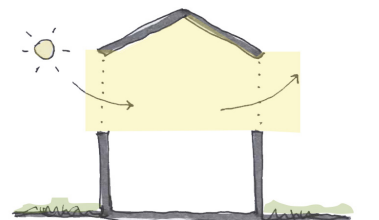


FIG 10 | Iluminação e ventilação

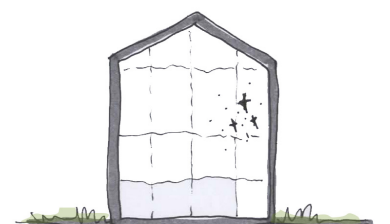


FIG 11 | Revestimentos cerâmicos

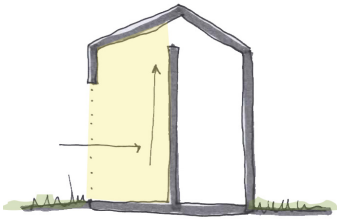


FIG 12 | Aumento do hall

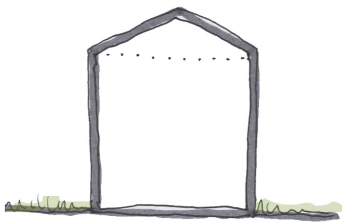


FIG 13 | Espaços com dimensões maiores

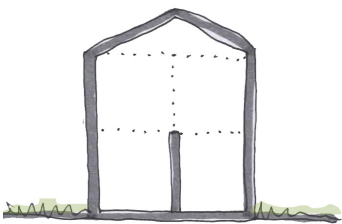


FIG 14 | Espaços flexíveis

VALORIZAÇÃO DO HALL DE ENTRADA – o primeiro contacto que temos com o interior da casa deve ser repensado e aumentado, deixando de ser somente um local de passagem e tornando-se numa espécie de antecâmara, onde nos descontaminamos do mundo exterior, deixando o calçado, algumas peças de roupa e higienizamos parcialmente.

TORNAR OS ESPAÇOS MAIS AMPLOS - uma vez que se evita a ida aos restaurantes, existem mais pessoas a recorrer, por exemplo, à cozinha durante o dia. Este espaço que se tornou o “protagonista do lar” terá que adquirir maiores dimensões, tornando-se mais “funcional” e organizado. Se possível interligado com a sala de jantar/estar, num conceito de *open space*, permitindo a maior convivência entre os moradores da casa.

TORNAR OS ESPAÇOS FLEXÍVEIS - através da utilização de paredes rebatíveis ou portas de vidro, que possam subdividir os espaços na situação de teletrabalho ou isolamento e que consigam simultaneamente abrir-se totalmente formando um único espaço para convívio entre todos os ocupantes, consoante as necessidades e horas do dia. Através deste conceito, cada espaço poderá incorporar diferentes funções, visto que o habitante terá a liberdade de contrariar a monotonia da sua ação se pretender efetuar a mesma tarefa em diferentes zonas da casa, como por exemplo o ato de trabalhar ou comer. De acrescentar também que a própria mobilidade entre os espaços tornar-se-á muito mais enriquecedora e cativante, por não ser um mero percurso fechado e autónomo, mas que se comunica ativamente com toda a habitação.

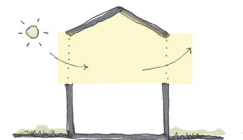
CRIAR E AUMENTAR OS ESPAÇOS VERDES JUNTO DAS HABITAÇÕES



TRAZER O "VERDE" PARA INTERIOR DA HABITAÇÃO



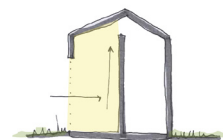
SUSTENTABILIDADE



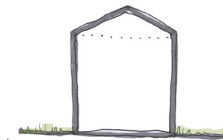
REVESTIMENTOS DE FÁCIL HIGIENIZAÇÃO



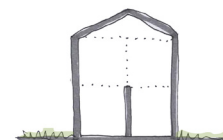
VALORIZAÇÃO DO HALL DE ENTRADA



TORNAR OS ESPAÇOS MAIS AMPLOS



TORNAR OS ESPAÇOS FLEXÍVEIS





- 1 | **CASA NAZARETH**
- 2 | Ponte de S. Gonçalo
- 3 | Rua 31 de Janeiro
- 4 | Igreja de S. Gonçalo
- 5 | Mercado Municipal
- 6 | Biblioteca Municipal
- 7 | Tribunal
- 8 | Museu Amadeo Souza Cardoso
- 9 | Casa de Calçada
- 10 | Rio Tâmega
- 11 | "Ponte Nova" - N15

FIG 15 | Localização da Casa Nazareth, no centro da cidade de Amarante - São Gonçalo

1.2 | O OBJETO

1.2.1 | CASA NAZARETH: ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Depois de efetuada uma análise geral, tendo por base dados que comprovam a urgência de intervir e repensar o modo como se habita o espaço, surgiu a necessidade de escolher um objeto de estudo para poder aplicar as ideias matrizes desta investigação.

No caso, o objeto selecionado foi a Casa Nazareth, uma casa abandonada a carecer urgentemente de uma intervenção e motivo pela qual se justifica o título deste trabalho - "*Re(habitar) o hoje num espaço de ontem*", num duplo sentido de interceder numa habitação antiga com ideias inovadoras, dando primazia a uma realidade que fomos forçados a (con)viver- a pandemia covid-19.

A Casa Nazareth, ou como muitos a conhecem Restaurante Nazareth, é um edifício localizado na rua 31 de Janeiro, no centro histórico da cidade de Amarante. A dois passos da Ponte de S. Gonçalo é de entre os edifícios envolventes, um dos que ainda mantêm a sua traça característica do início do Século XX, com a frontaria apainelada de azulejos em tons de azul e branco e o nome do restaurante no topo do seu alçado.

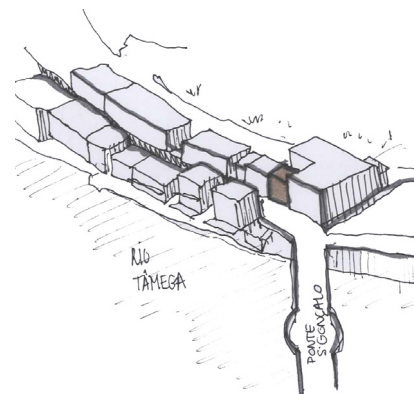
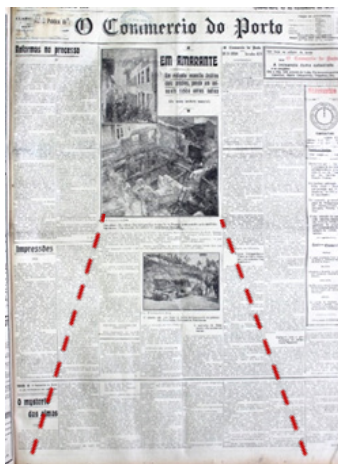


FIG 17 | Localização da Casa Nazareth



FIG 16 | Perfil longitudinal da rua 31 de Janeiro, virado a Sul

Segundo dados facultados pelo atual proprietário do edifício, não se sabe a data de construção exata, apenas que a sua “atividade comercial começou no séc. XIX e atravessou o séc. XX. Assistiu a mais de duas décadas da Monarquia Portuguesa, República Portuguesa, à Ditadura Militar, ao Estado Novo e por fim, já na posse de outros arrendatários ao regime atual do Pós 25 de abril.”



Este conceituado restaurante falado e adorado por todos, era constituído também por uma pousada, sendo que o piso rés-do-chão e 1º piso remetia à zona de restaurante e cozinha propriamente dita, e o 2º piso seria então a zona dos quartos onde os hóspedes podiam pernoitar. No último piso, era o sótão onde dormiam os empregados.

“Chegados a Amarante, uma das vilas mais antigas e belas que temos encontrado soubemos da existência de um «tasco» género Vaticano de Monção, onde imediatamente nos dirigimos. Lá ficamos duas noites num quarto de uma limpeza inexcelável, com ótimos lençóis de puro linho, e numa cama, que graças a limpeza e asseio até parecia ser macia (...) Chamava-se essa pousada, «a Nazareth» (antigo Custódia) e só lhe digo que a dona da casa é uma ótima cozinheira, que o seu vinho é o puro de Amarante ...”



Em 1926, existem relatos de um violento incêndio que destruiu o restaurante por completo alastrando-se também aos edifícios vizinhos. Mas a rápida intervenção na reconstrução do mesmo fez com que, no ano seguinte voltasse a abrir portas ao público, novamente. Porém em 1939, Maria Nazareth Barreira – proprietária na época, decidiu arrendar a “outros industriais que exploraram o edifício até quase aos nossos dias” , no entanto estes acabaram por fazer novas alterações que “destruíram”, mais uma vez parte do edificado, deixando-o como se encontra atualmente.

FIG 18| Incêndio no Restaurante, 1926

¹⁷ CASTRO, Sanches. Publicado na revista ABC, 11 setembro de 1922

¹⁸ Publicado no jornal “Comércio do Porto”, novembro de 1926



FIG 19 | Ilustração do Restaurante Nazareth

1.2.2 | LEITURA DO OBJETO



FIG 20 | Vista no topo da rua 31 de Janeiro



FIG 21 | Azulejos da fachada principal



FIG 22 | Entrada principal

LEGENDA DOS ESPAÇOS:

- 1 | Entrada principal
- 2 | Entrada secundária
- 3 | Sala de estar/ jantar
- 4 | Cozinha
- 5 | Wc
- 6 | Quarto
- 7 | Arrumos
- 8 | Jardim
- 9 | Reservatório de água

Como foi referido numa primeira investigação sobre objeto de estudo, o restaurante Nazareth era também ele constituído por uma *pousada*. Aquando da primeira visita ao local para poder compreender e constatar o estado de conservação do mesmo, deparou-se com a permanência dos 4 pisos.

O piso térreo, com acesso direto através da Rua 31 de Janeiro, continha uma pequena zona de estar, utilizada como café pelos últimos “donos”, que a devastaram ao colocar um teto falso que ocultou e destacou grande parte dos azulejos existentes e tão característicos daquela obra. Incluía também a cozinha com acesso privado ao piso superior e algumas zonas de arrumos.

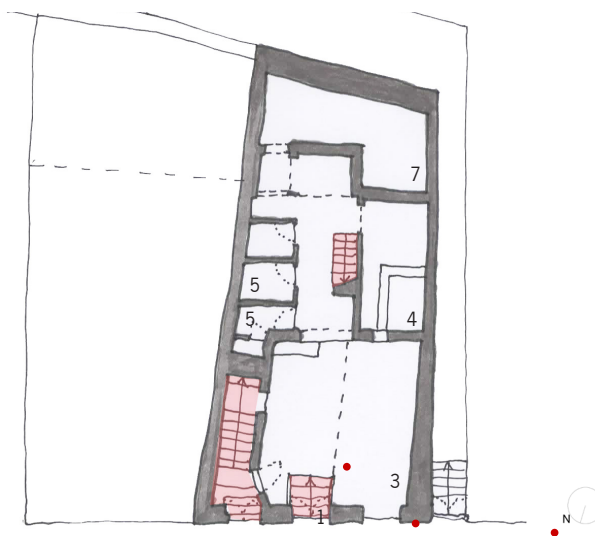


FIG 23 | Planta do Piso Térreo

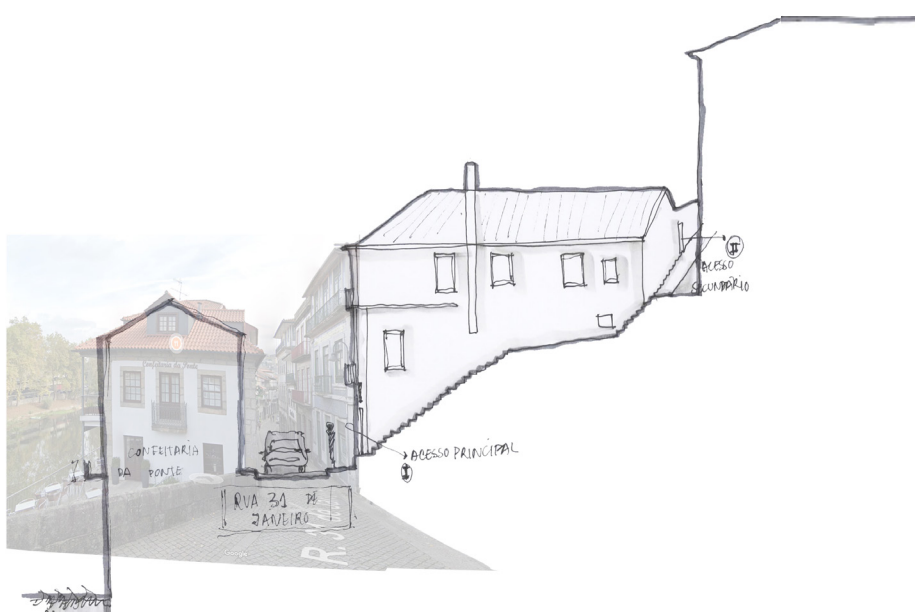


FIG 24 | Perfil longitudinal - diferenciação altimétrica entre os acessos ao edifício

Subindo até ao primeiro piso, encontra-se a sala de estar debruçada sobre a ponte de São Gonçalo. A luz, ainda que indireta, atribui ao espaço um sentido majestoso que é acompanhado pela pequena ornamentação nas paredes. Num percurso perpendicular à rua, em direção ao próximo lanço de escadas, vai-se encontrando mais zonas de arrumos e de apoio ao serviço do antigo restaurante.

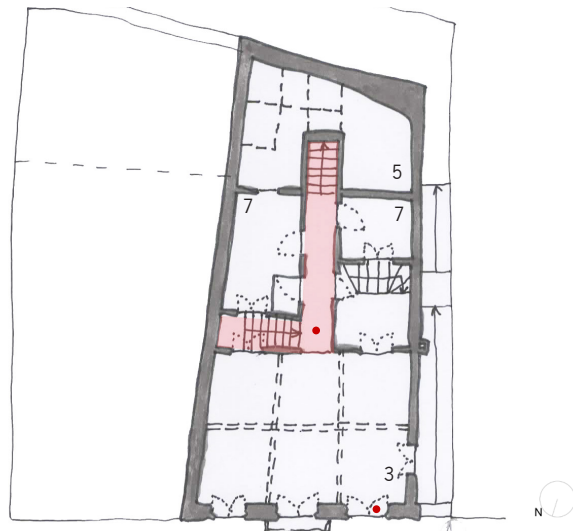


FIG 25 | Planta do Piso 1

Até que, já no segundo piso, encontram-se os pequenos quartos onde os hóspedes pernoitavam, com a particularidade de cada um possuir um pequeno lavatório – aspeto interessante e que será adotado na proposta final, visto ser um indício da preocupação com a própria higienização em tempos tão longínquos, mas que é tão necessário e valorizado nos dias de hoje.

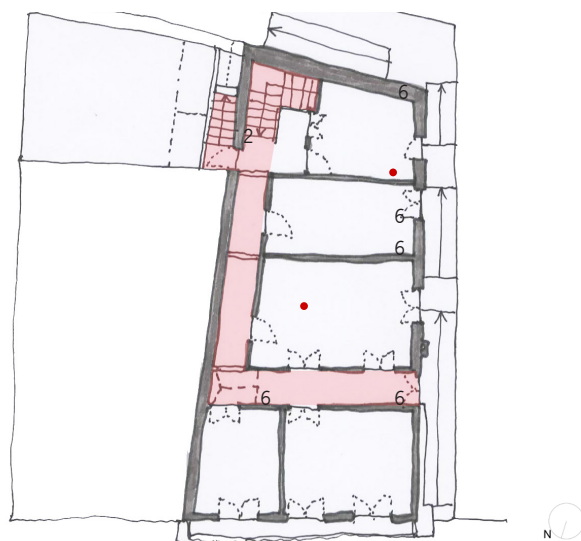


FIG 26 | Planta do Piso 2

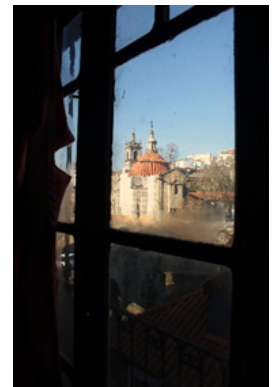


FIG 27 | Vista para a ponte e Igreja de S. Gonçalo



FIG 28 | Entrada na sala de estar



FIG 29 | Lavatório de cada quarto

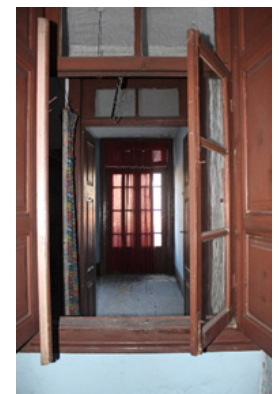


FIG 30 | Relação visual entre janelas interiores



FIG 31 | Vista do sótão para o exterior



FIG 32 | Zona exterior com vegetação - "jardim"

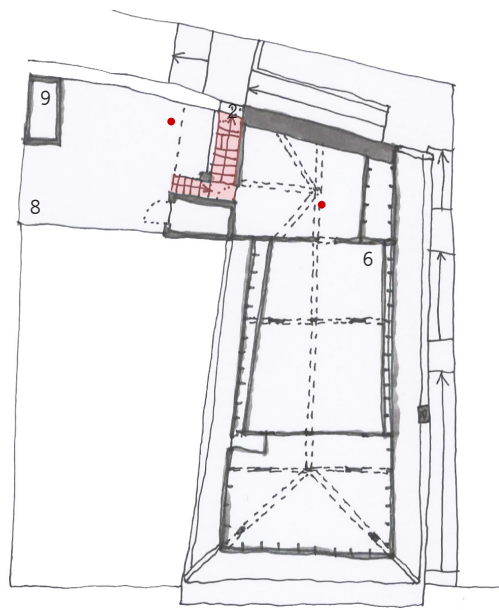


FIG 33 | Planta do Piso 3

Para colmatar o topo do edifício existe o sótão – local atual mais degradado e que era onde os empregados dormiam. Este tem acesso direto a um pequeno jardim e a uma outra entrada superior para a habitação, na zona tardo de mesmo.

Após uma análise da organização desta casa detetaram-se as potencialidades da qual se poderiam tirar partido e constataram-se os problemas a ter que se resolver.

O estado de degradação do edifício era notório, as paredes divisórias e entre pisos de tabique apresentavam grandes problemas, e visto que a má qualidade da construção contribuía para a má estabilidade do mesmo, teria que se renovar e optar por um novo método construtivo. Os azulejos muito representativos deste edifício incluíam pequenas quebras, mas sem qualquer dúvida seriam elementos a manter, ainda que trabalhados e enquadrados no novo espaço. As divisões que não se justificam darão lugar a novos espaços que responderão às necessidades correntes, no entanto orientados sempre pelas malhas e construção existente, à exceção dos corredores, que se encontram desorganizados, desalinhados, sem iluminação, praticamente esquecidos no espaço.

LEGENDA DOS ESPAÇOS:

- 1 | Entrada principal
- 2 | Entrada secundária
- 3 | Sala de estar/ jantar
- 4 | Cozinha
- 5 | Wc
- 6 | Quarto
- 7 | Arrumos
- 8 | Jardim
- 9 | Reservatório de água

Todavia, os elementos de grande destaque são essencialmente as janelas e os lavatórios, pelo seu cuidado e adequação em tempos cronológicos distintos. Ainda que adaptados à lógica da nova proposta, o conceito da higienização individual e a relação visual constante entre os diferentes espaços da casa – através das janelas internas -, serão fatores emergentes e também eles adaptáveis aos novos ideais.

Por fim, destaca-se a função geral do edificado que propõe passar a ser uma **habitação**, ainda que o piso térreo possa manter parcialmente o conceito *público*. Assim, tendo em conta o tema desta investigação - e também devido à carência de habitação acessível nos centros históricos, evidenciado pelo grande abandono de edifícios presentes nestes meios, considerou-se necessária e coerente esta decisão.



FIG 34 | Janelas interiores no corredor

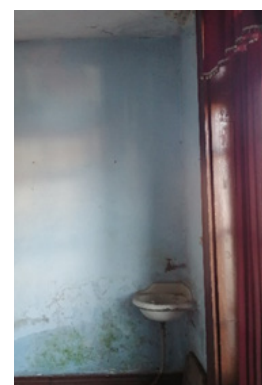


FIG 35 | Lavatório pessoal

2 | O PROJETO

2.1 | CONCEITO: ADAPTABILIDADE CONFINADA

De forma a melhor sustentar a proposta apresentada, teve-se por base o capítulo “*Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*”, autoria da arquiteta e professora na Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho, Ana Luísa Rodrigues.

*“Our existence’ space did shrink abruptly. The **home** was also the office, the school, the restaurant, the cinema, the gym, and the playground at the same time.”*¹⁹

Reforçando conceitos já referidos em capítulos anteriores também aqui, a arquiteta frisa a importância “de repensar o espaço doméstico e o espaço próximo – como a nova necessidade de um espaço doméstico exterior - enquanto desejamos manter a nossa saúde e sanidade mental”.

Assim sendo, como já foi mencionado, o objetivo deste trabalho insiste sobretudo em perceber como se pode manter um espaço (habitacional) aberto e livre, mas simultaneamente privado e controlado, dependendo da necessidade do seu ocupante. Deste modo, a autora reconhecendo que não existe apenas uma única solução para cada problema ou a “receita certa” do ponto de vista arquitetónico, ressaltou alguns tópicos fundamentais a ter em conta e na qual esta investigação irá adotar como diretrizes da sua proposta:

“Let it slide; Let it be seen; Let it be air; Let it be green”.

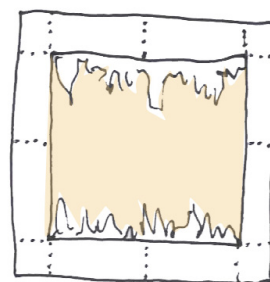


FIG 36 | Logotipo ilustrativo do conjunto

¹⁹ RODRIGUES, Ana Luísa. Traduzido de *Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*, página 63. “O espaço da nossa existência encolheu abruptamente. A casa é também o escritório, a escola, o restaurante, o cinema, o ginásio e o parque infantil ao mesmo tempo”.

1. LET IT SLIDE

“FLEXIBILIDADE: DEIXE DESLIZAR”

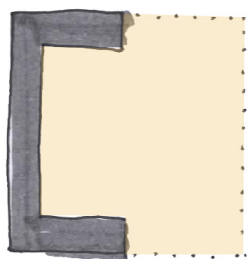


FIG 37 | Esquema ilustrativo *Let it Slide*

*“...the living-room may be the “office”, “high school” and “nursery”, at once. Assured by soundproof acoustics walls, when it’s closed, we can personalize each space providing silent workplaces, as the day goes by. Then at night it can be opened, giving back the living space, so the family may gather together again.”*²⁰

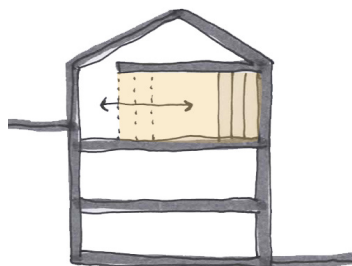


FIG 38 | Paredes deslizantes

Optar por paredes móveis, que deslizam, permitirá que o espaço se transforme completamente. A mesma área pode eventualmente ser utilizada para diferentes ações e funções e por vários membros da família simultaneamente. Isto é, ao conferir maior flexibilidade ao lugar, automaticamente o mesmo espaço pode, por exemplo, durante o dia ser um escritório, uma “escola” ou até o local onde o habitante passa a roupa a ferro enquanto vê televisão; à noite as paredes voltam-se a rebater e obtém-se uma grande sala de estar para a família conviver.

A eleição de paredes deslizantes, um aspeto característico da arquitetura tradicional japonesa – *Fusuma*²¹, partiu como referência pela própria associação de uma estrutura mais leve, de fácil mobilidade e, portanto, não existe a questão dos ruídos a incomodarem os restantes habitantes da casa. Estes elementos depois de rebatidos podem agrupar-se uniformemente junto a uma parede fixa, atribuindo ao espaço um carácter limpo, organizado e acolhedor



FIG 39 | Fusuma

²⁰ RODRIGUES, Ana Luisa. *Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*, página 64

²¹ Painéis deslizantes que atuam como portas e paredes

2. LET IT BE SEEN

“TRANSPARÊNCIA: DEIXE-SE SER VISTO”

“The importance of the natural light in our lives is proved crucial. The sun light interferes daily with our system and mood, so if we subdivide the inner space, then we’ll need to improve the natural light in it.” ²²

Procura-se tirar maior partido da entrada de luz solar através das janelas, para simultaneamente se conseguir também ventilar naturalmente a habitação. Uma ação já recorrente, mas que face aos cuidados redobrados desde que o novo vírus surgiu, constitui na atualidade um ato sobrevalorizado para renovar a qualidade do ar.

Já no interior da habitação, a utilização da transparência com portas de vidro ou janelas internas torna-se uma preocupação, para que possa existir um maior controlo entre divisões - como é exemplo dos pais com filhos pequenos, poderem estar tranquilamente a trabalhar enquanto os observam.

Implementar a transparência dentro de um edifício particularmente em alto e com vários pisos servirá igualmente para iluminar locais que não estejam em contacto com luz direta, como é o caso do interior dos primeiros pisos, quando estes se encontram ladeados e subterrados por grandes construções.

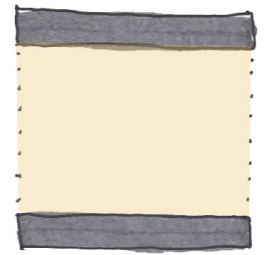


FIG 40 | Esquema ilustrativo *Let it be Seen*

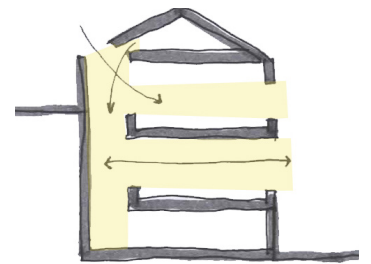


FIG 41 | Iluminação e ventilação natural



FIG 42 | Abertura e cruzamento de vãos

²²RODRIGUES, Ana Luisa. *Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*, página 65

3. LET IT BE AIR

“VERTICALIDADE: DEIXE SER AR”

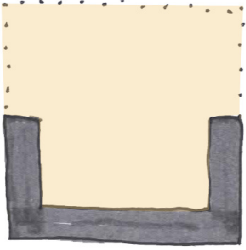


FIG 43| Esquema ilustrativo *Let it be Air*

“More simultaneous multiple functions in the same spaces, means more people breathing the same air. So, if we increase the m3, we are enlarging the same m2. For that, we just need apartments with higher ceilings to make use of half-sized levels.”²³

Intervir em edifícios em altura, que se localizam nos meios urbanos, impossibilita a alteração dos seus limites visto que, em grande parte das situações o mesmo contém outras edificações ao seu redor. No entanto, tal situação pode ser contrariada se se intervier no interior do mesmo, ampliando a altura de um teto.

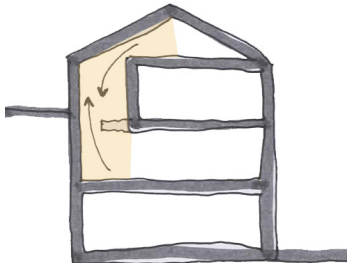


FIG 44| Espaços com pé direito maior

Ao modificar a altitude do espaço pode-se criar uma área também ela com diferentes ações simultaneamente. Ou seja, poderá criar-se por exemplo uma zona de escritório por baixo de um “meio-piso” que acede ao quarto – muito frequente em estúdios, onde se economiza o espaço ao distinguir-se em diferentes alturas, a zona mais privada da zona comum.

Deste modo, o objeto adquire de imediato uma nova dimensão, podendo desta forma estabelecer igualmente um contacto físico e visual constante entre os vários pisos.



FIG 45| Relação visual entre pisos

²³ RODRIGUES, Ana Luísa. *Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*, página 65

4. LET IT BE GREEN

“ECOLOGIA: DEIXE SER VERDE”

“As we may be inhibited to go outside (to public spaces) for long periods of time, we do need an alternative place to breath open-air. Besides the use of natural materials, the implementation of ecological systems to consume less energy and water; or just to keep the building cooler (with green facades, for example), as the eco-conscious demands nowadays, the roof-tops common gardens may be an option.”²⁴

O recurso à Natureza, no sentido de ter acesso direto a uma zona verde, em habitações localizadas nos centros urbanos é menos comum comparativamente às habitações nos meios rurais. Porém, como tal presença representa uma necessidade fundamental para a vivência do ser humano, existem formas de o poder implementar também nestas situações. Por exemplo, a utilização de materiais para tornar o edifício mais fresco e ecológico como o caso das fachadas verdes, coberturas ajardinadas ou até a criação de pequenas hortas e jardins de inverno no interior das habitações. Este *design biofilico*²⁵ que resgata os ambientes naturais para o espaço construído pelo Homem, permitirá fortalecer a relação entre interior/externo, proporcionando conseqüentemente uma sensação visual agradável e reconfortável que ajuda no desenvolvimento da nossa saúde mental.

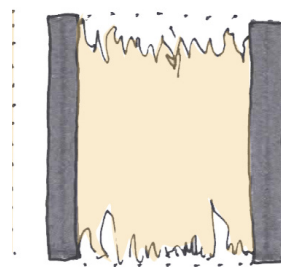


FIG 46 | Esquema ilustrativo *Let it be Green*

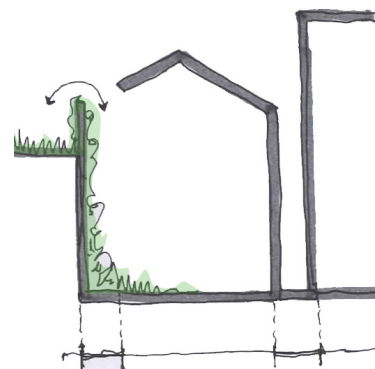


FIG 47 | Zona verde interior em relação com limite exterior envolvente



FIG 48 | Vegetação a invadir o interior da habitação

²⁴ RODRIGUES, Ana Luisa. *Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today*, página 65

²⁵ Provém de “biofilia”, uma forma inovadora de criar ambientes naturais para melhorar a saúde e bem-estar



FIG 49 | Ilustração da proposta, *CASA NAZARETH*

2.2 | PROPOSTA

Nesta última parte, depois se terem detetado todos os problemas inerente à domesticidade contemporânea e compreendido os fatores imprescindíveis a ter em conta no “novo” modo de habitar a casa, apresenta-se uma proposta de intervenção tendo em conta – a *Adaptabilidade Confinada na Casa Nazareth*.

Após uma observação geral do estado do edifício ressaltou-se a existência de alguns aspetos arquitetónicos peculiares que seriam interessantes manter nesta “nova” intervenção, ainda que adaptando ao (re)desenho deste novo modo de (re)pensar a arquitetura. Entre eles destacam-se um pequeno jardim na zona tardoz; uma tímida claraboia no corredor do piso dos quartos; a existência de um lavatório em cada quarto, como referido anteriormente e ainda a considerável presença de janelas no interior dos espaços.

Quase que premeditado como que uma habitação que remonta aos inícios do séc. XIX se tivesse precavido e implementado soluções para um problema surgido no séc. XXI.

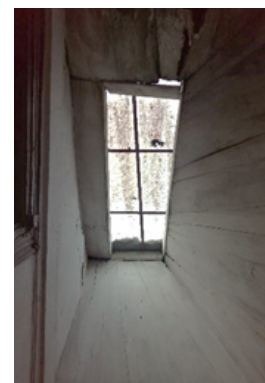


FIG 52 | Claraboia existente



FIG 53 | Acesso secundário e jardim



FIG 50 | Corte transversal ilustrativo - localização da claraboia existente

FIG 51 | Perfil longitudinal - acesso secundário pelo jardim



FIG 54 | Genkan

Como possível resposta de intervenção sugere-se que o piso térreo – **descontaminar** seja, como o próprio nome indica, onde há a transição entre o conforto da casa e o desapego das impurezas do exterior. Através do aumento e valorização do hall de entrada com um pequeno desnível de cotas, permitir-se-á que se possa higienizar parcialmente, deixando alguns objetos e peças de roupa como o calçado – mais uma vez uma referência muito utilizada na arquitetura tradicional japonesa, com a existência do *Genkan*, onde se deixam os sapatos, nunca utilizando o calçado do exterior no interior da habitação. Este piso serve essencialmente como transição, uma espécie de antecâmara entre a rua e a casa, onde se pode deixar diretamente a bicicleta depois de um passeio pela cidade, e onde também apoia uma zona de arrumos e serviços, mas sobretudo, “onde o verde começa a ganhar vida”.

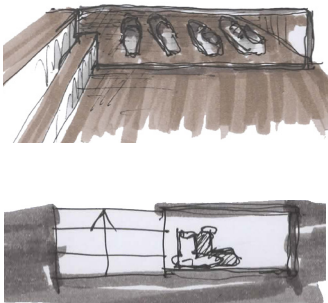
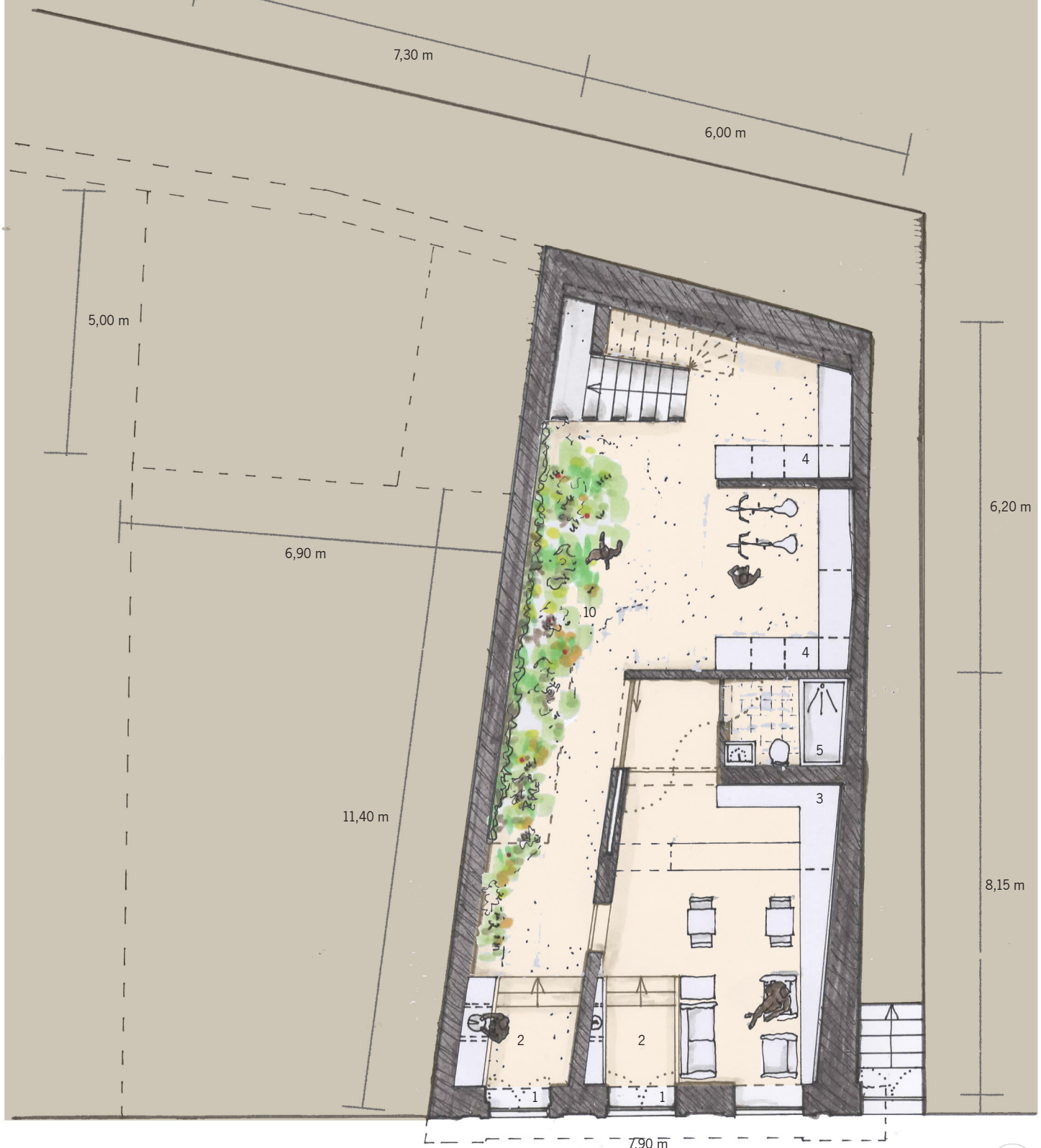


FIG 55 | Esquemas ilustrativos do *Genkan*

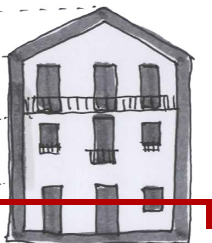


FIG 56 | Esquema tridimensional do espaço

DESCONTAMINAR



Escala gráfica



- 1 | Entrada
- 2 | Zona de higienização
- 3 | Serviços
- 4 | Zona de arrumos
- 5 | Wc
- 6 | Cozinha
- 7 | Zona de sala de estar/jantar
- 8 | Closet
- 9 | Quarto
- 10 | Jardim interior
- 11 | Jardim exterior
- 12 | Horta
- 13 | Lareira



|| O DESCONTAMINAR

OCUPAÇÃO: Ação quotidiana

MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação

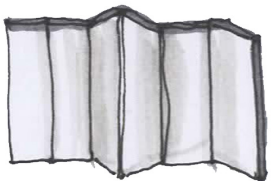
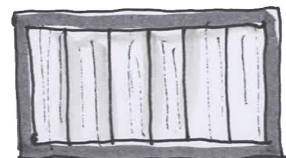
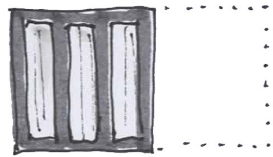
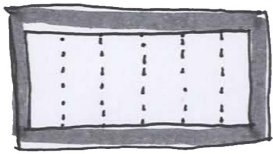


FIG 58 | Esquema ilustrativo do funcionamento das paredes

Subindo até ao primeiro andar encontra-se o piso do **conviver**, através de um conjunto de escadas organizado numa única zona, aberto e iluminado por toda a casa – o que não acontecia anteriormente, visto que a organização dos acessos/corredores não era uma constante entre pisos, quase que como um resultado do espaço que sobrava, criando uma barreira para alguns compartimentos que não recebiam luz alguma. Este piso, como o nome sugere é onde se irá concentrar o maior número de pessoas simultaneamente, por representar a área social da casa, onde é definido uma zona de cozinha e sala de estar/jantar, mas que, se assim o desejarem pode subdividir-se ainda mais (segundo uma “métrica” das vigas decorativas pré-existentes na sala de estar), transformando-se num escritório, sala de reunião ou o que a necessidade do dia-a-dia o exigir.



FIG 59 | Esquema tridimensional do espaço

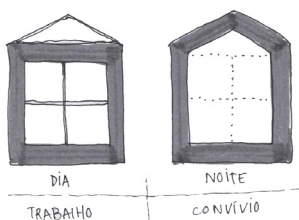
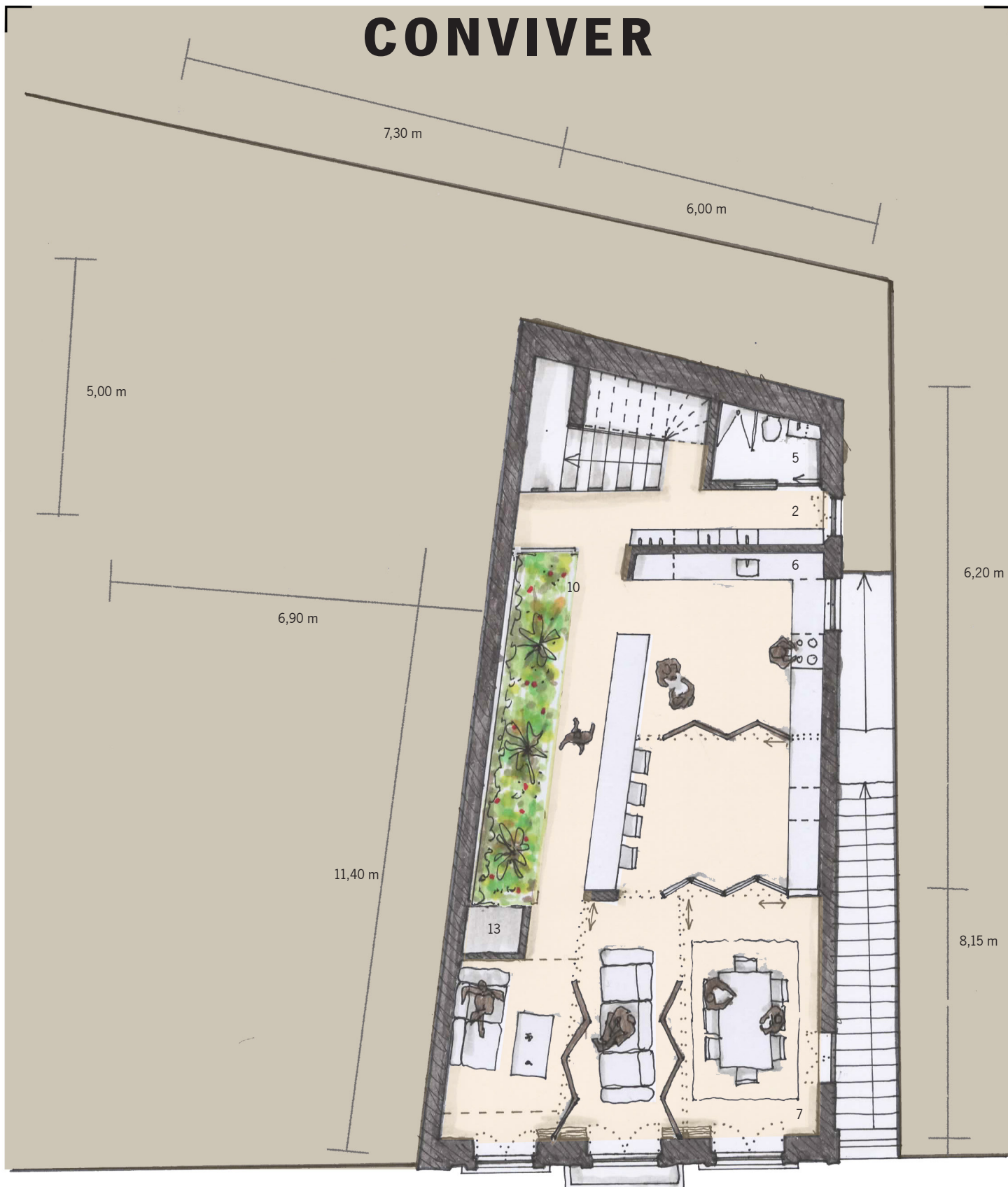
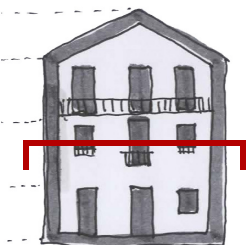


FIG 60 | Esquema ilustrativo da ocupação na casa

CONVIVER



Escala gráfica



- 1 | Entrada
- 2 | Zona de higienização
- 3 | Serviços
- 4 | Zona de arrumos
- 5 | Wc
- 6 | Cozinha
- 7 | Zona de sala de estar/jantar
- 8 | Closet
- 9 | Quarto
- 10 | Jardim interior
- 11 | Jardim exterior
- 12 | Horta
- 13 | Lareira



| O CONVIVER

OCUPAÇÃO: Ação quotidiana

MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação

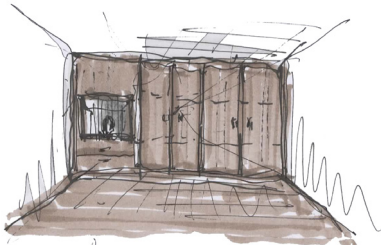


FIG 62 | Esquema ilustrativo da localização do lavatório no quarto

No piso que se sucede – **controlar** - encontra-se a zona de quartos, igualmente organizada com paredes rebatíveis (*let it slide*) que poderão abrir totalmente e transformar por exemplo, os quartos dos dois filhos num único só, podendo fechar novamente para manter a privacidade ou o isolamento de alguém, se assim for recomendado. A organização do mobiliário assume-se como multifuncional, podendo o mesmo ser uma mesa de trabalho, mesa de cabeceira, estante ou até mesmo local onde se incorpora o pequeno lavatório, – ideia recuperada do pré-existente. A disposição das aberturas das portas incide no prolongamento das janelas, de modo a estabelecer um contacto visual com toda a casa, assim como a permissão da entrada de luz pela mesma.

Refere-se aqui o termo “controlo” ainda que seja um fator evidente por toda a habitação. Isto é, através da abertura escavada junto à fachada principal, bem como na criação do jardim interno (*let it be green*) que se estende do rés do chão à cobertura, o contacto/controlo entre os quatro pisos é uma constante.

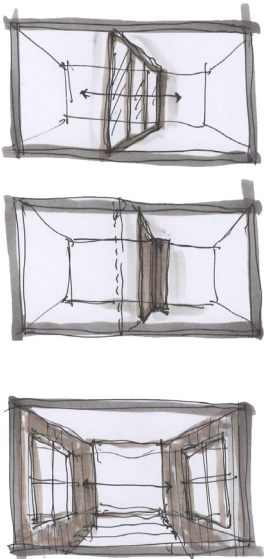


FIG 64 | Esquema ilustrativo da relação visual interior

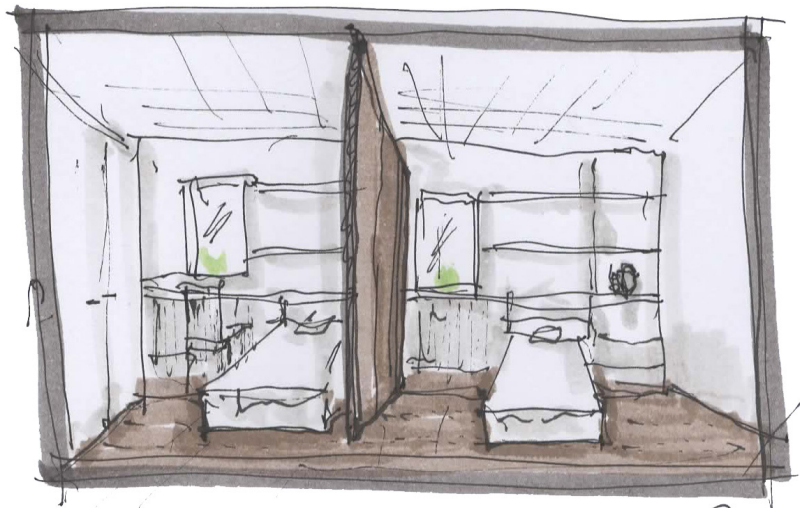
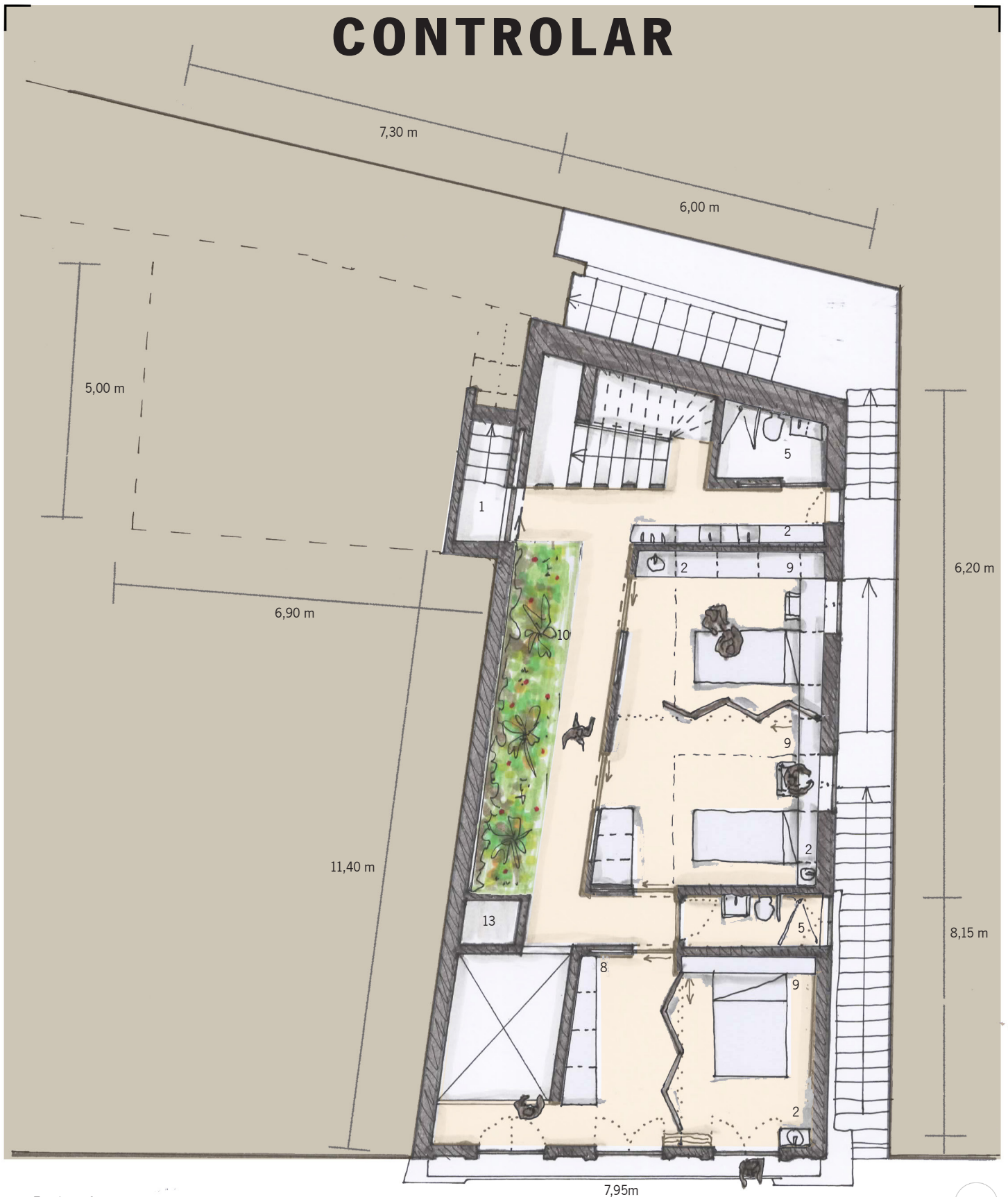
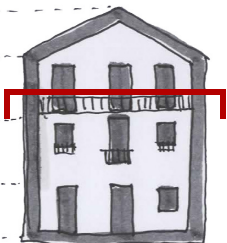


FIG 63 | Esquema tridimensional do espaço

CONTROLAR



Escala gráfica



- 1 | Entrada
- 2 | Zona de higienização
- 3 | Serviços
- 4 | Zona de arrumos
- 5 | Wc
- 6 | Cozinha
- 7 | Zona de sala de estar/jantar
- 8 | Closet
- 9 | Quarto
- 10 | Jardim interior
- 11 | Jardim exterior
- 12 | Horta
- 13 | Lareira



| O CONTROLAR

OCUPAÇÃO: Ação quotidiana

MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação

Ao elevar a altura do teto (*let it be air*) e aumentando a abertura da claraboia (*let it be seen*) pré-existente toda a habitação ficará iluminada e a deslocação entre espaços deixa de ser uma tarefa monótona, acentuando assim a relação fundamental entre o interior/exterior da casa, bem como a comunicação entre os habitantes desta.

Por fim, ascende-se ao último piso – **o devaneio**. Antigo sótão e dormitório das empregadas, pretende-se agora que seja uma zona de leitura, um momento sossegado onde se exercita o corpo e a mente distanciado da agitação do mundo exterior. Este tem ainda acesso a uma entrada secundária superior nas traseiras da habitação e ao privilegiado jardim exterior - onde igualmente se pode cultivar o próprio alimento e o pensamento.

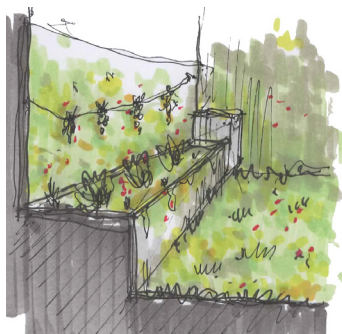


FIG 66| Esquema ilustrativo da horta

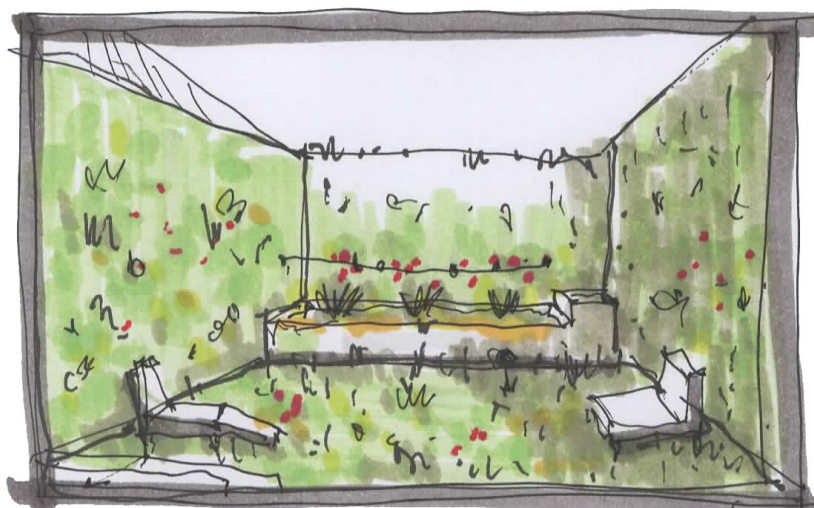
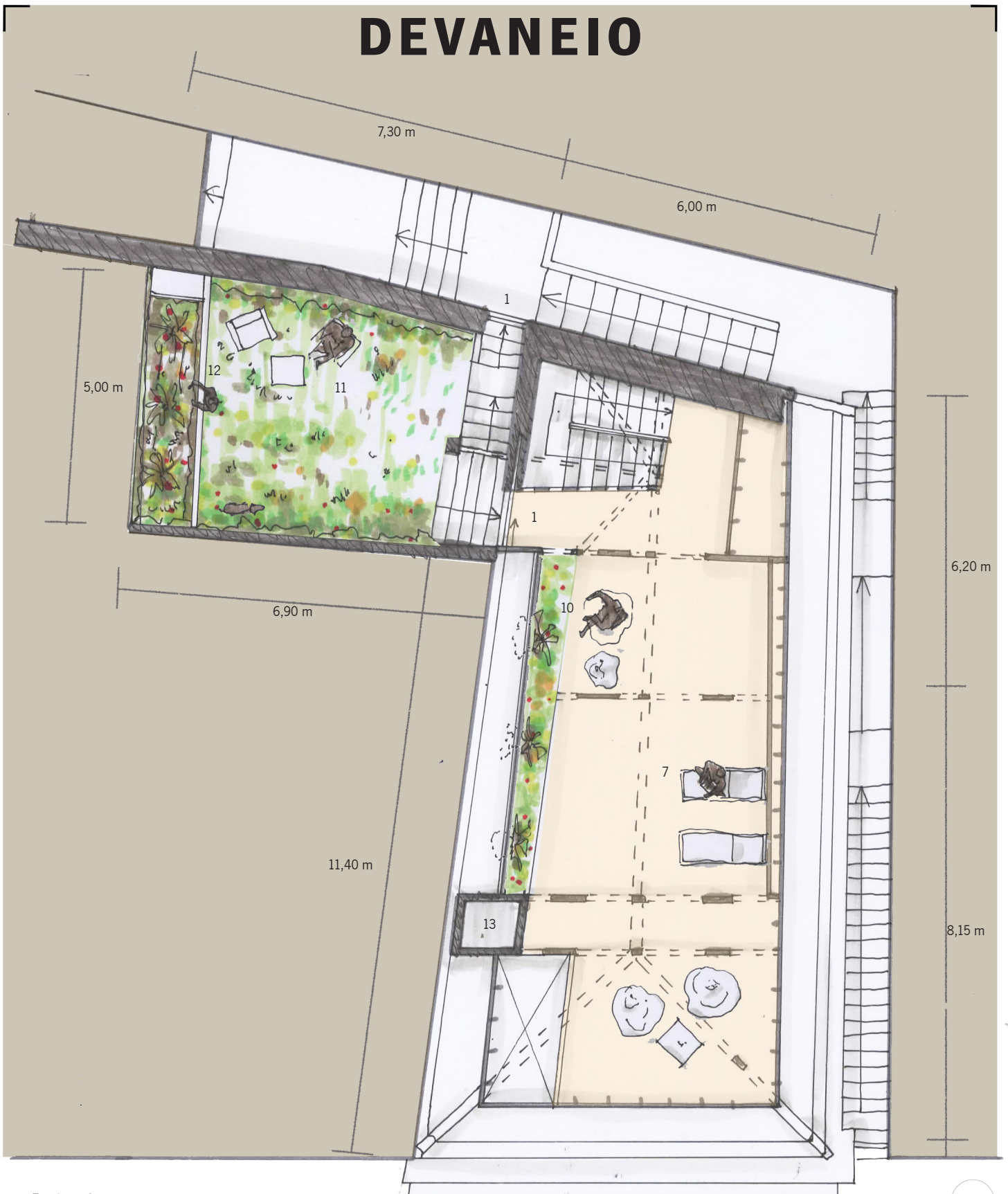
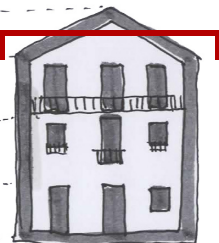


FIG 67| Esquema tridimensional do espaço

DEVANEIO



Escala gráfica



- 1 | Entrada
- 2 | Zona de higienização
- 3 | Serviços
- 4 | Zona de arrumos
- 5 | Wc
- 6 | Cozinha
- 7 | Zona de sala de estar/jantar
- 8 | Closet
- 9 | Quarto
- 10 | Jardim interior
- 11 | Jardim exterior
- 12 | Horta
- 13 | Lareira

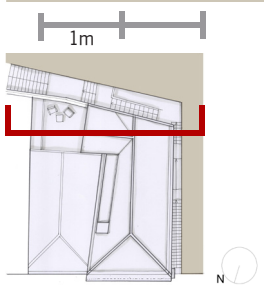
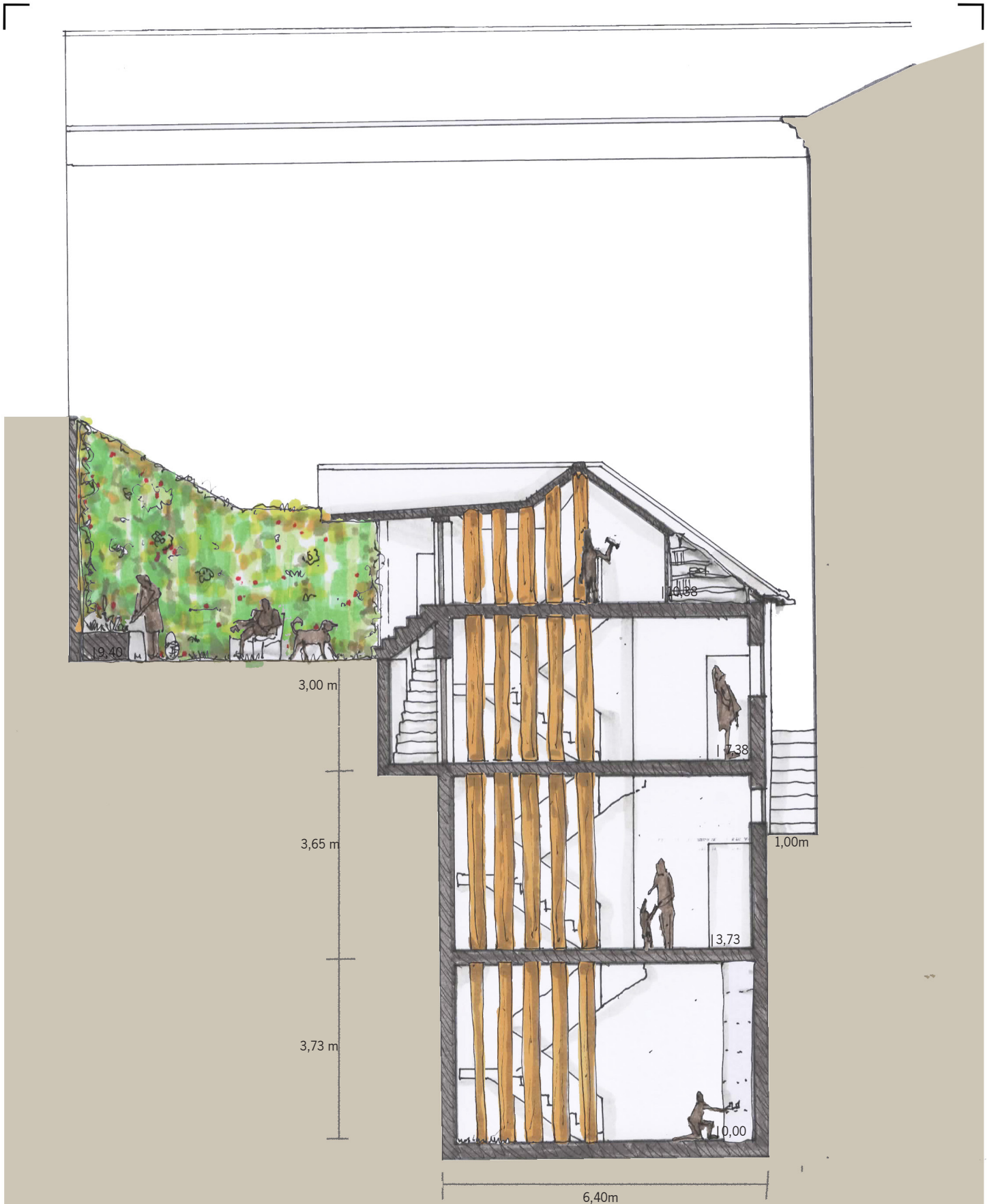


| O DEVANEIO

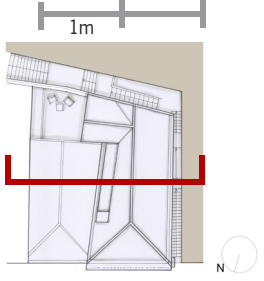
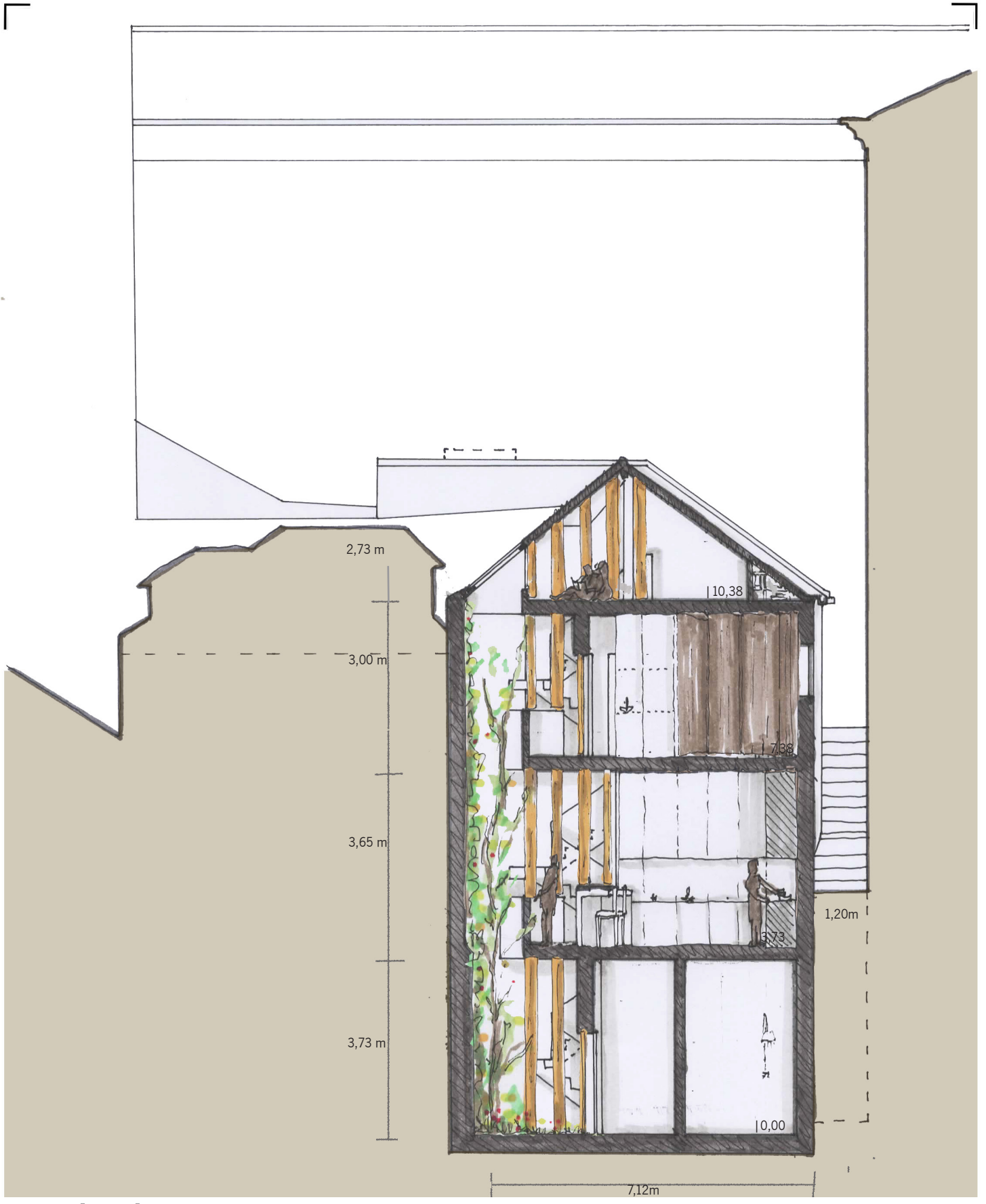
OCUPAÇÃO: Ação quotidiana

MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação

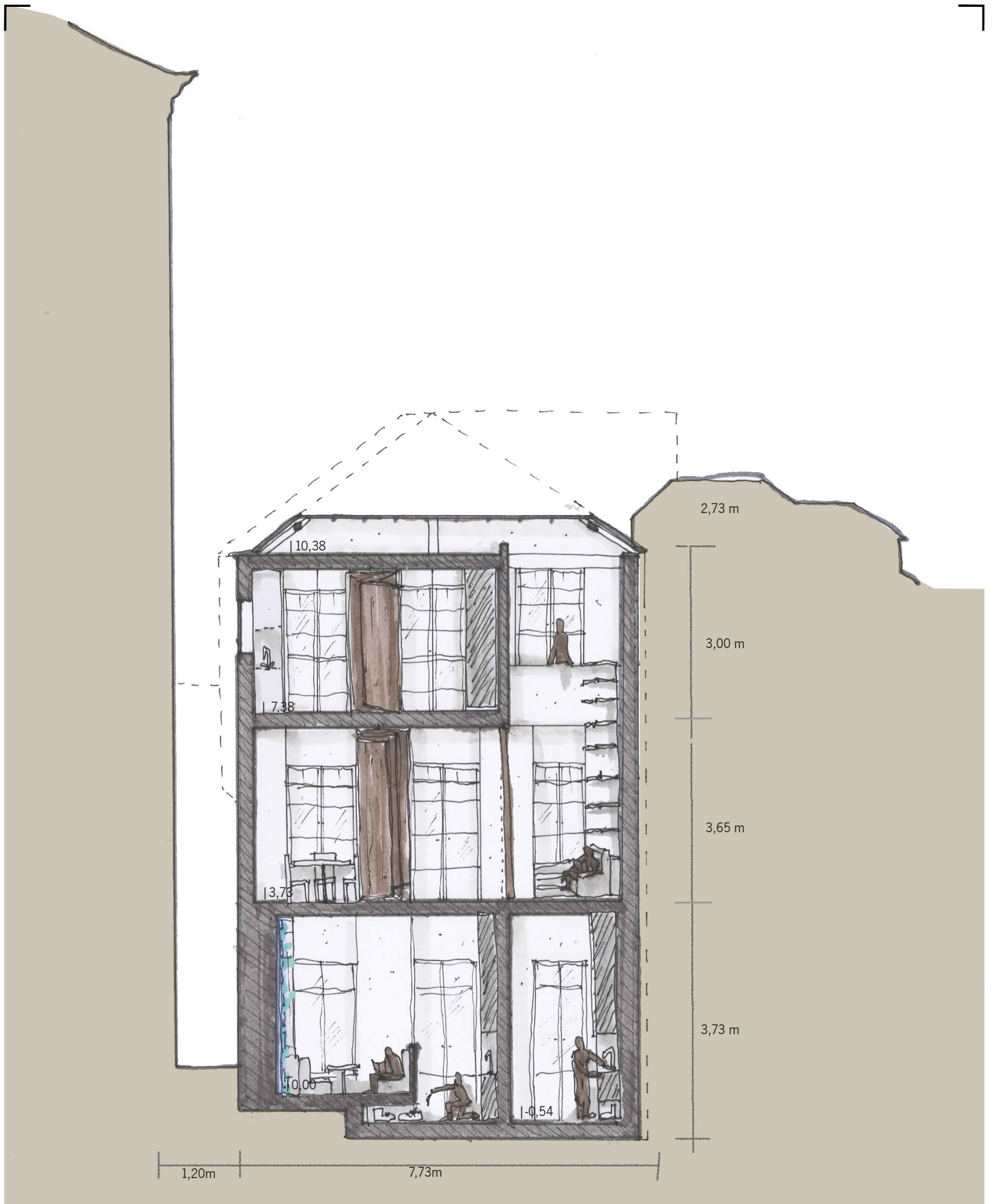
Como foi referido previamente, a fachada de todo o edifício irá permanecer intacta, levando para o interior a decoração característica do seu alçado protagonista. A nível construtivo interno propõe-se a adaptação do uso da madeira a nível estrutural, elementos decorativos, bem como das próprias paredes deslizantes. Já nos pisos irão implantar-se pavimentos cerâmicos, no caso das cozinhas e casas-de-banho e pavimentos vinílicos nas restantes divisões, por constituírem elementos de fácil higienização e que simultaneamente transmitem uma sensação de conforto, através da diversidade de texturas que possuem. Todos os elementos serão cuidadosamente pensados, adaptados e reposicionados se assim o justificar, de forma a criar uma comunicação harmoniosa entre a proposta de uma ideia inovadora, em concordância com o respeito de uma memória passada.



|CORTE A A'
OCUPAÇÃO: Ação quotidiana
MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação



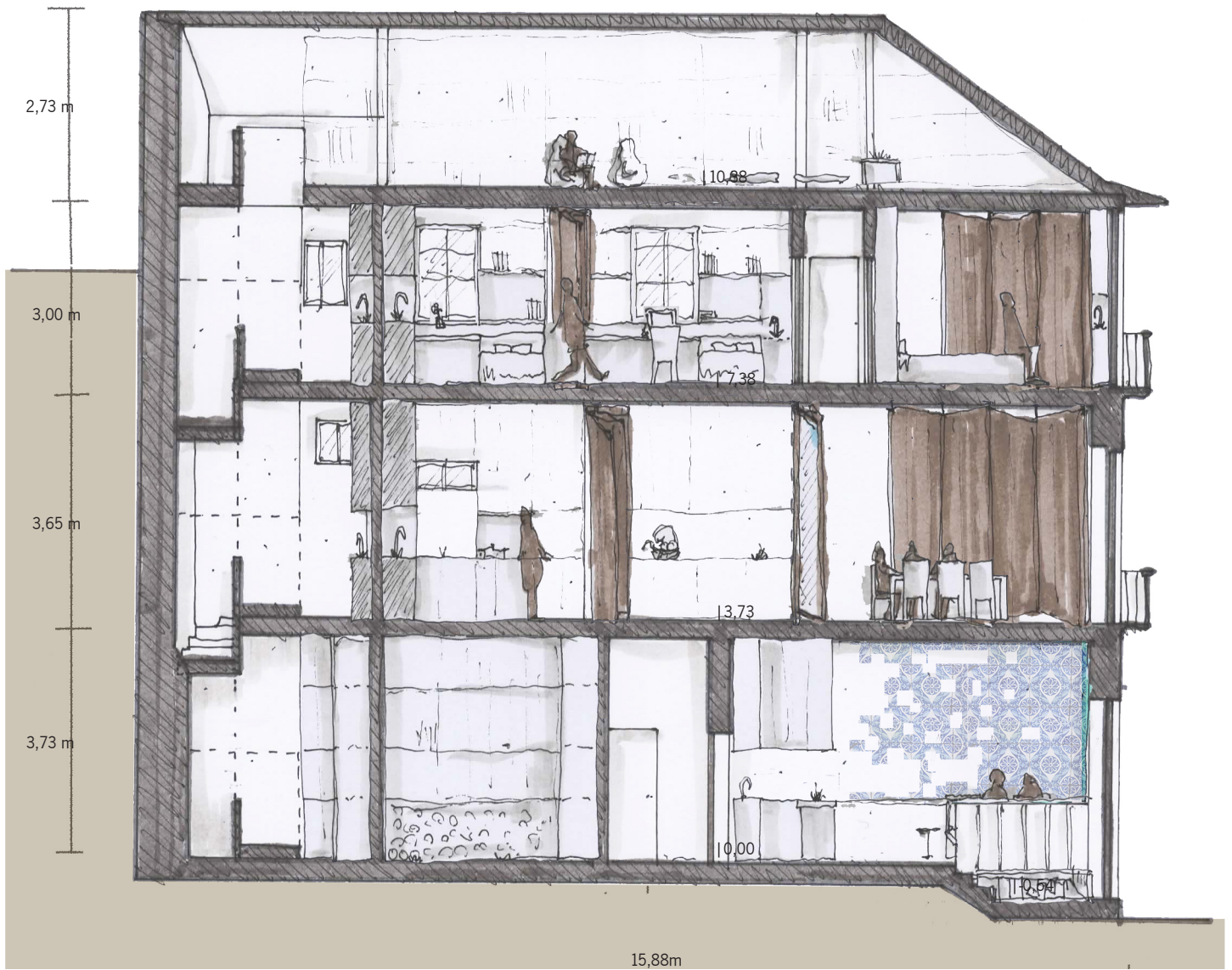
| CORTE B B'
OCUPAÇÃO: Ação quotidiana
MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação



| CORTE C C'

OCUPAÇÃO: Ação quotidiana

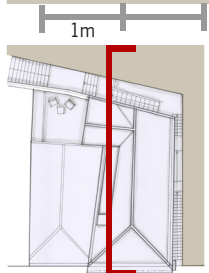
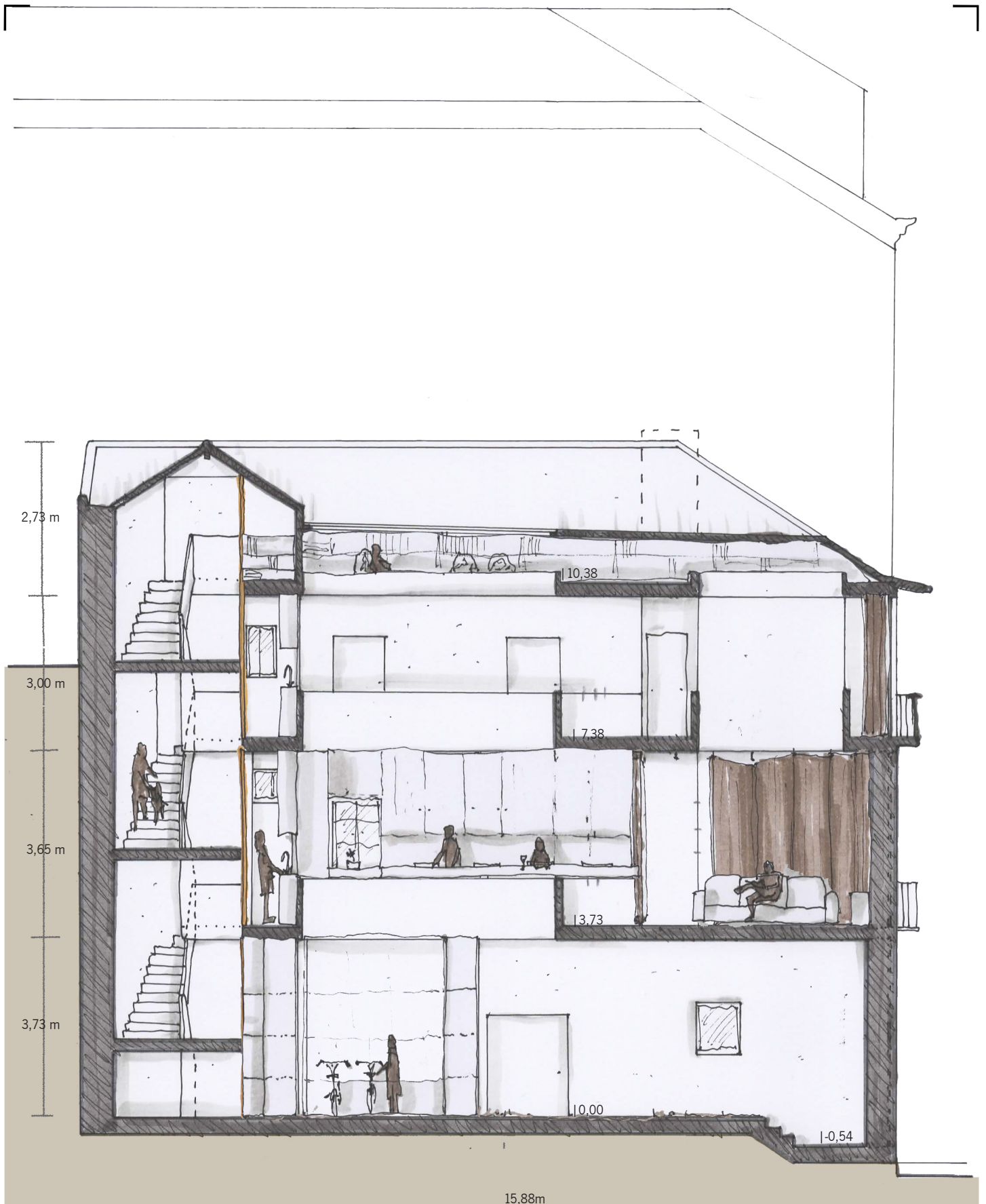
MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação



|CORTE D D'

OCUPAÇÃO: Ação quotidiana

MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação



|CORTE E'E'
OCUPAÇÃO: Ação quotidiana
MATERIALIDADE: Revestimentos e vegetação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação procurou projetar a domesticidade salientando a urgência de repensar o modo como criamos arquitetura nos dias que correm.

A situação pandémica a que o mundo foi sujeito no final do ano 2019 e na qual ainda se está a adaptar, foi o fator impulsionador para desenvolver este trabalho e após se detetar as carências na habitação resultantes de um confinamento, apresentou-se uma possível solução de forma a responder às possíveis necessidades de habitabilidade do homem contemporâneo.

Com base no modelo teórico apresentado em “Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today” decidiu-se introduzir um elemento - tipo que respondesse à proposta de cada tema.

Em Let it Slide propôs-se a utilização de paredes deslizantes/rebatíveis, de forma a ampliar ou subdividir o espaço segundo a função para a qual for destinado, atribuindo um sentido de flexibilidade e adaptabilidade ao mesmo.

Em Let it be Seen sugere-se o aproveitamento da abertura das janelas da fachada, em conjunto com o alinhamento dos vãos interiores e o aumento da claraboia existente, para iluminar e ventilar a casa de forma natural. De forma a sustentar o conceito pré-existente da casa, onde existem janelas interiores, também aqui se pretende utilizar o vidro nas próprias paredes deslizantes para que possa haver um maior controlo visual entre as divisões e possibilidade de iluminação entre as mesmas quando se encontram subdivididas.

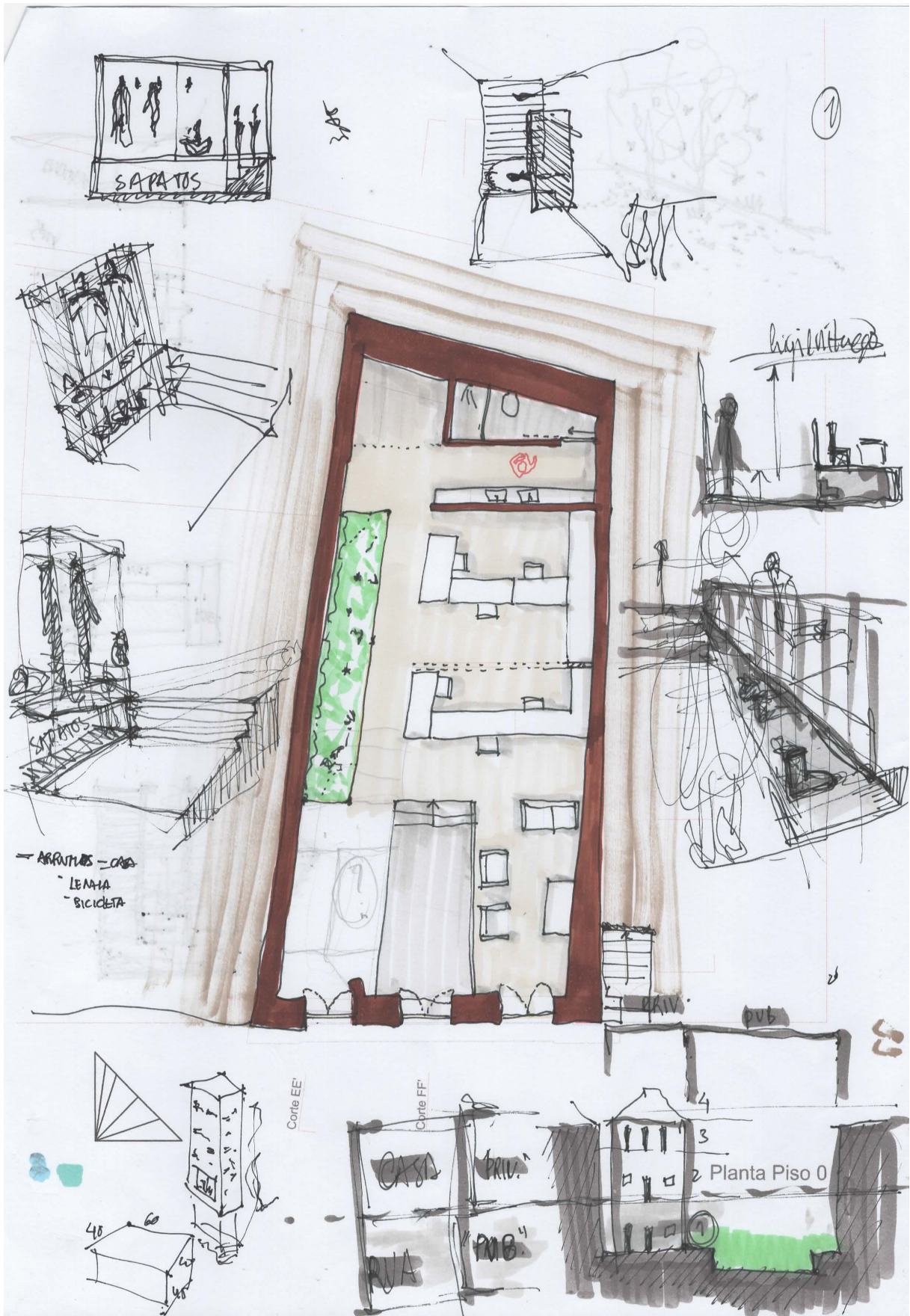
Em Let it be Air faz-se uma fissura correspondente à abertura da nova claraboia que se estende até ao piso térreo. Retomando conceitos referidos anteriormente, aqui transporta-se a luz natural a toda casa e através das varandas, que vão acompanhando ao longo dos diferentes pisos, o contacto visual torna-se constante pelo todo. O aumento dos pés-direitos em determinados pontos responde igualmente a esta questão.

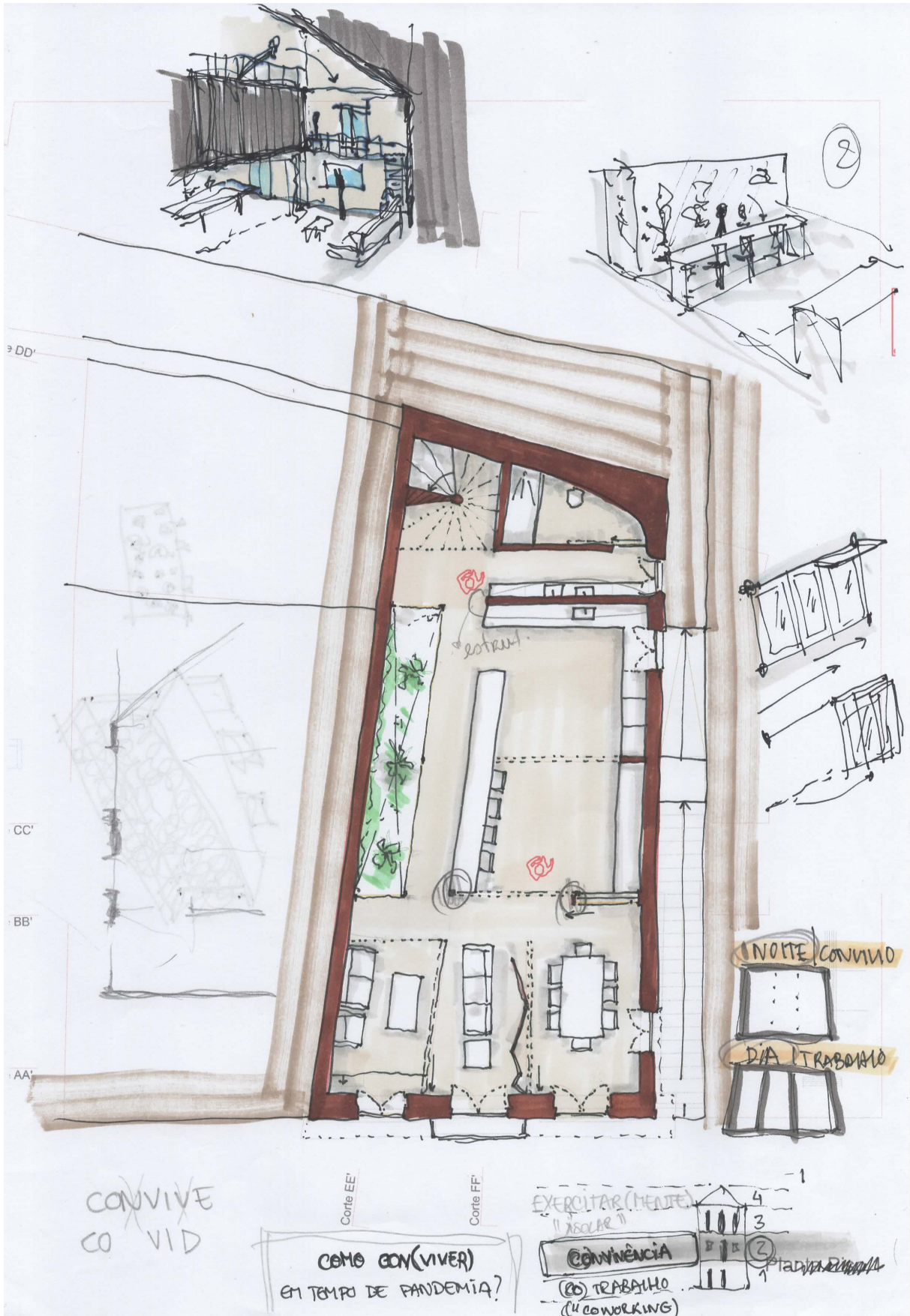
É de referir por fim, Let it be Green como representação da Natureza descontrolada que já invadia o edifício abandonado. Plantar o verde dentro da habitação atribui vida e beleza ao espaço e a existência de um jardim exterior com uma pequena horta constituiu um espaço de distração, lazer e conforto como fuga ao ambiente caótico exterior.

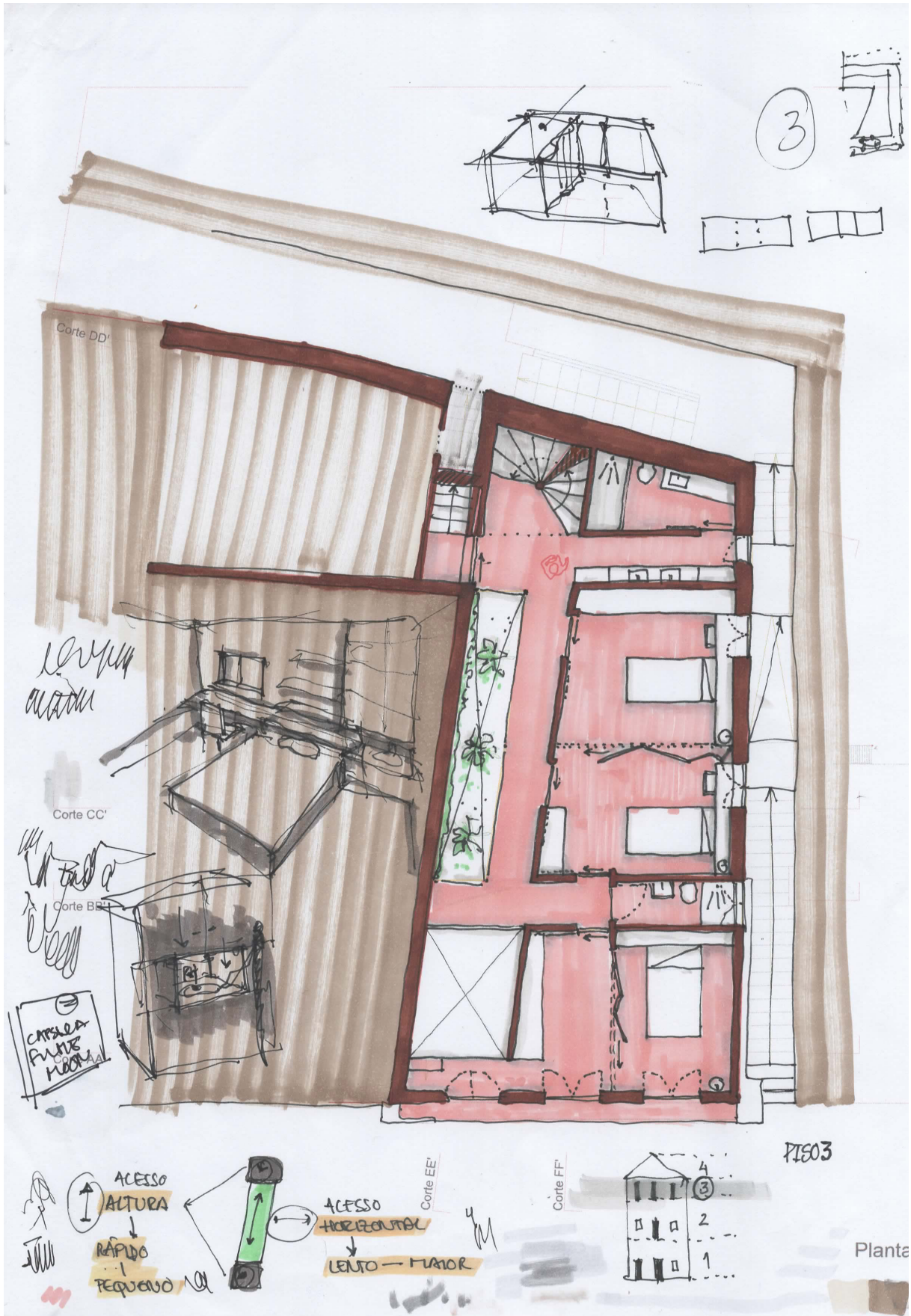
A abordagem de um programa experimental num edifício abandonado – casa Nazareth - permitiu compreender a possibilidade de adaptar o esquecimento à necessidade presente, reativando a memória do pré-existente ao estabelecer o equilíbrio reabitando *hoje*, num espaço de *ontem*.

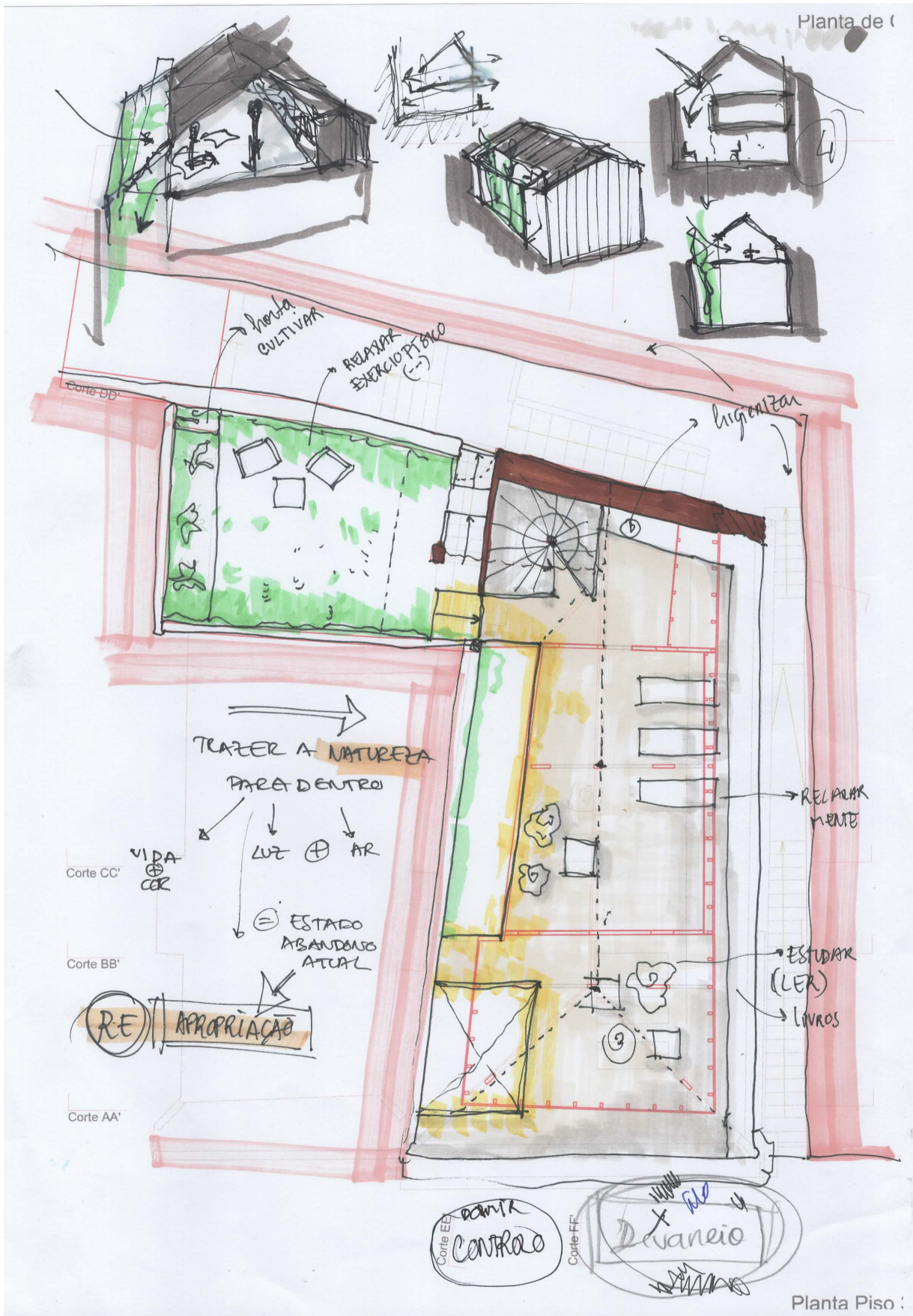
ANEXOS | PROCESSO

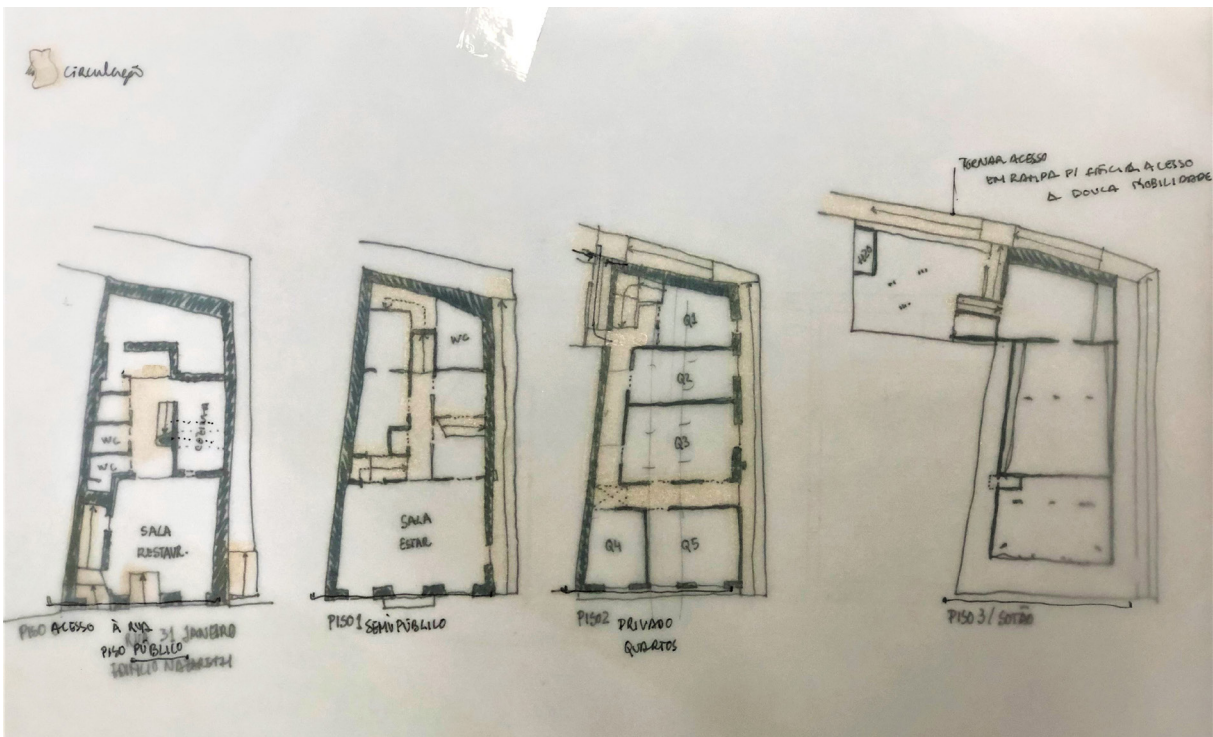


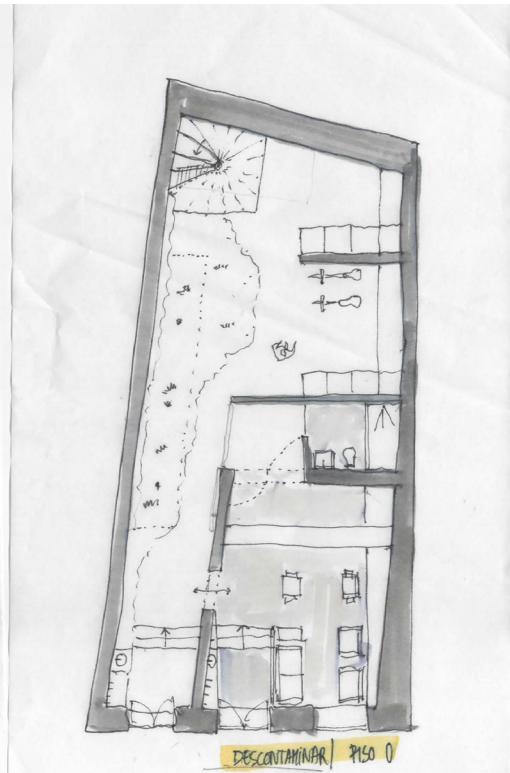
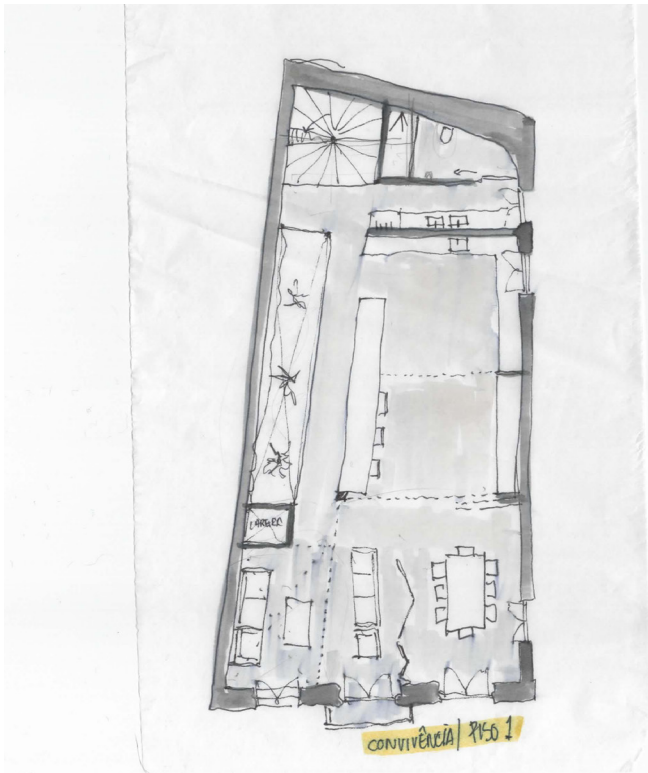
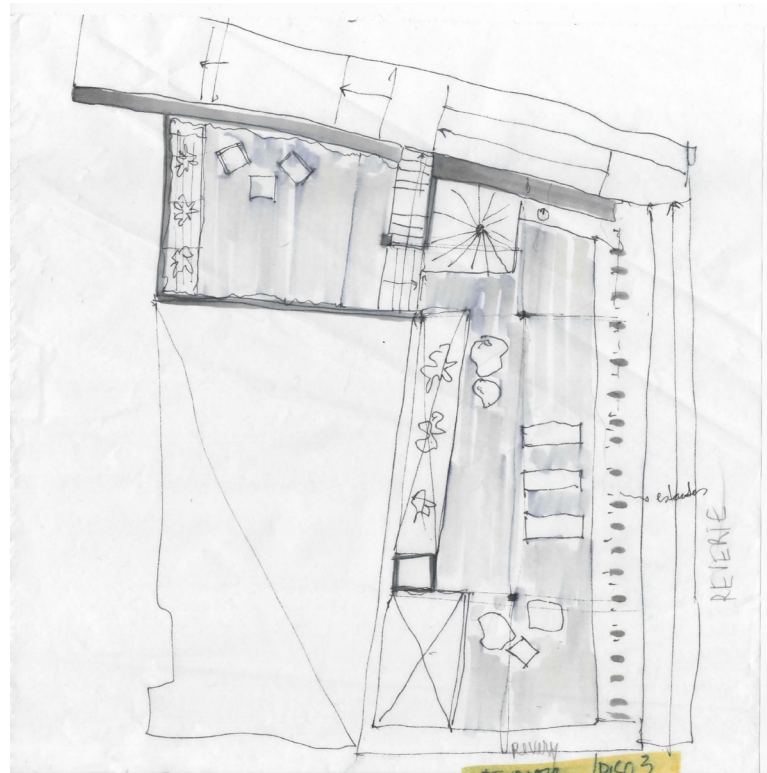
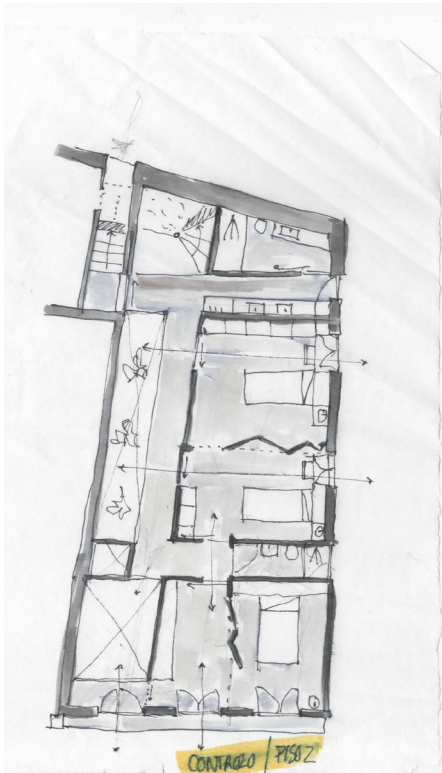


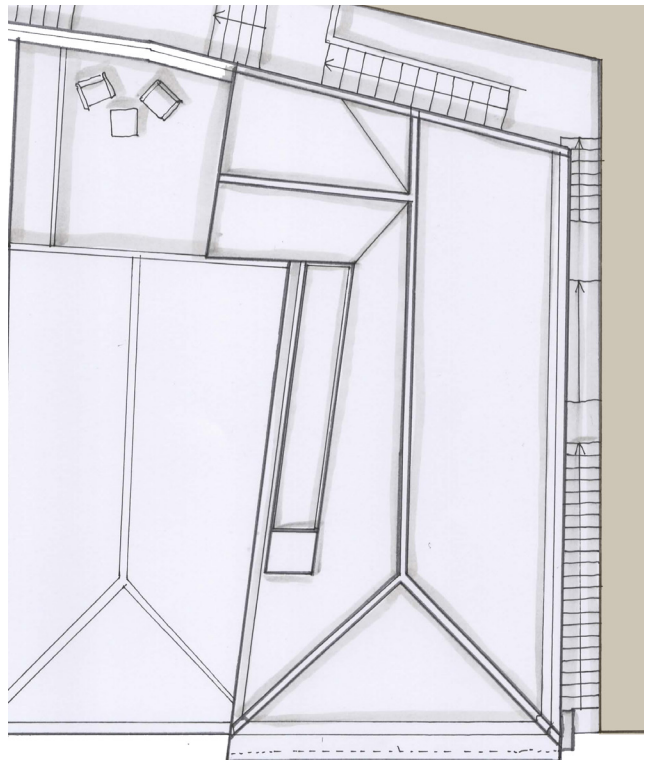
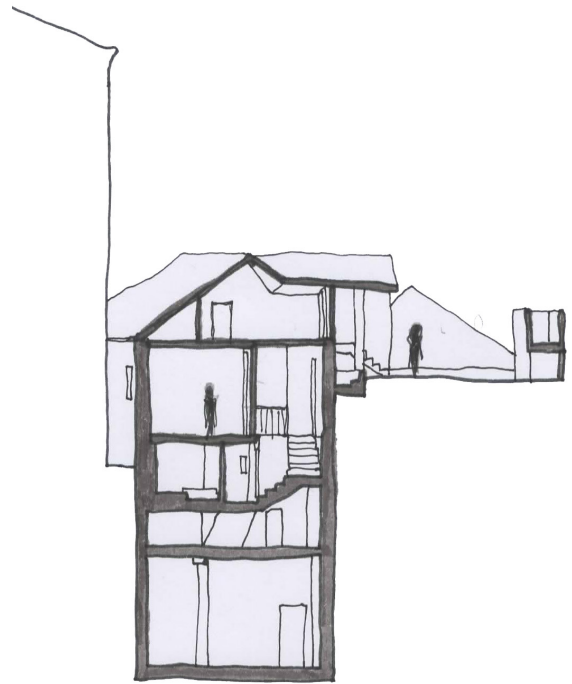


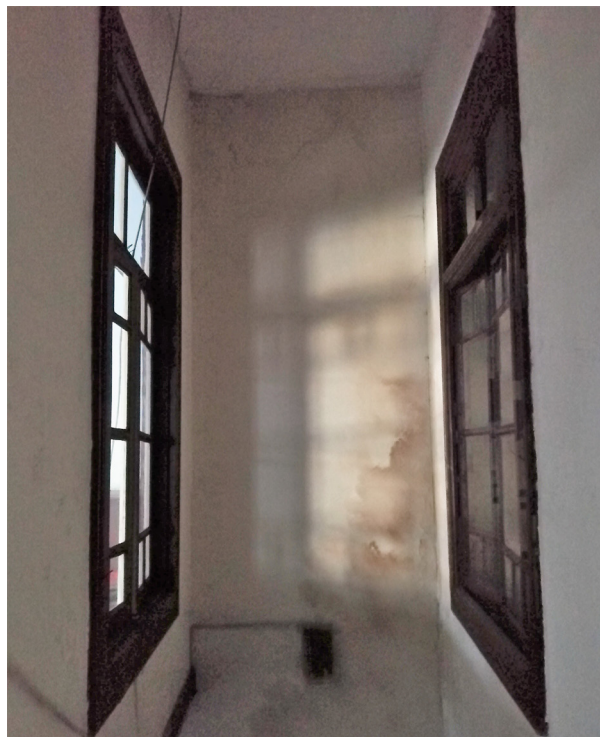












Levantamento fotográfico da Casa Nazareth









LISTA DE IMAGENS

FIG 1 | Ilustração CASA NAZARETH

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 2 | (CON) VIVER EM TEMPOS DE PANDEMIA

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 3 | RELAÇÃO CASA/RUA

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 4 | A casa, organização e funcionalidade

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 5 | Análise dos níveis de stress na população

FONTE: Baseado em gráfico presente em “Trabalhar durante a pandemia, mesmo que só remotamente, é melhor para a saúde mental” , publicado em Jornal Público, 21 abril 2020

FIG 6 | Habitante com nível de stress baixo

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 7 | Habitante com nível de stress alto

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 8 | Espaços verdes exteriores

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 9 | Vegetação exterior/interior

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 10 | Iluminação e ventilação

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 11 | Revestimentos cerâmicos

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 12 | Aumento do hall

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 13 | Espaços com dimensões maiores

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 14 | Espaços flexíveis

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 15 | Localização da Casa Nazareth, no centro da cidade de Amarante - São Gonçalo

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 16 | Perfil longitudinal da rua 31 de Janeiro, virado a Sul

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 17 | Localização da Casa Nazareth na rua 31 de Janeiro

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 18 | Incêndio no Restaurante, 1926

FONTE: Publicado no jornal “Comércio do Porto”, novembro de 1926. Elemento fornecido por Paulo Barreira- neto e atual proprietário da casa

FIG 19 | Ilustração do Restaurante Nazareth

FONTE: Desenho e montagem fotográfica pelo autor, 2021

FIG 20 | Vista no topo da rua 31 de Janeiro

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 21 | Azulejos da fachada principal

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 22 | Entrada principal

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 23 | Planta do Piso Térreo

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 24 | Perfil longitudinal - diferenciação altimétrica entre os acessos ao edifício

FONTE: Desenho e montagem fotográfica pelo autor, 2021

FIG 25 | Planta do Piso 1

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 26 | Planta do Piso 2

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 27 | Vista para a ponte e Igreja de S. Gonçalo

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 28 | Entrada na sala de estar

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 29 | Lavatório de cada quarto

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 30 | Relação visual entre janelas interiores

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 31 | Vista do sótão para o exterior

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 32 | Zona exterior com vegetação - “jardim”

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 33 | Planta do Piso 3

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 34 | Janelas interiores no corredor

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 35 | Lavatório pessoal

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 36 | Logotipo ilustrativo do conjunto - Let it slide, Let it be seen, Let it be air, Let it be green

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 37 | Esquema ilustrativo Let it Slide

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 38 | Paredes deslizantes

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 39 | Fusuma

FONTE: Consultado em <https://www.pinterest.pt/pin/573083121339880403/>

FIG 40 | Esquema ilustrativo Let it be Seen

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 41 | Iluminação e ventilação natural

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 42 | Abertura e cruzamento de vãos

FONTE: Consultado em <https://www.pinterest.pt/pin/51228514501414609/>

FIG 43 | Esquema ilustrativo Let it be Air

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 44 | Espaços com pé direito maior

FIG 45 | Relação visual entre pisos

FONTE: Consultado em <https://www.pinterest.jp/pin/386394843027095723/>

FIG 46 | Esquema ilustrativo Let it be Green

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 47 | Zona verde interior em relação com limite exterior envolvente

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 48 | Vegetação a invadir o interior da habitação

FONTE: Consultado em <https://www.pinterest.pt/pin/493918284139903002/>

FIG 49 | Ilustração da proposta, CASA NAZARETH

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 50 | Corte transversal ilustrativo - localização da claraboia existente

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 51 | Perfil longitudinal - acesso secundário pelo jardim

FONTE: Desenho e montagem fotográfica pelo autor, 2021

FIG 52 | Claraboia existente

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 53 | Acesso secundário e jardim

FONTE: Foto do autor, 2021

FIG 54 | Genkan

FONTE: Consultado em <https://www.pinterest.pt/pin/25684660365261678/>

FIG 55 | Esquema ilustrativo do Genkan

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 56 | Esquema tridimensional do espaço

FONTE: Desenho do autor, 2021

| O DESCONTAMINAR

FONTE: Desenho do autor, 2022

FIG 58 | Esquema ilustrativo do funcionamento das paredes

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 59 | Esquema tridimensional do espaço

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 60 | Esquema ilustrativo da ocupação na casa

FONTE: Desenho do autor, 2021

O CONVIVER

FONTE: Desenho do autor, 2022

FIG 62 | Esquema ilustrativo da localização do lavatório no quarto

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 63 | Esquema tridimensional do espaço

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 64 | Esquema ilustrativo da relação visual interior

FONTE: Desenho do autor, 2021

| O CONTROLAR

FONTE: Desenho do autor, 2022

FIG 66 | Esquema ilustrativo da horta

FONTE: Desenho do autor, 2021

FIG 67 | Esquema tridimensional do espaço

FONTE: Desenho do autor, 2021

| O DEVANEIO

FONTE: Desenho do autor, 2022

| CORTE A A'

FONTE: Desenho do autor, 2022

| CORTE B B'

FONTE: Desenho do autor, 2022

| CORTE C C'

FONTE: Desenho do autor, 2022

| CORTE D D'

FONTE: Desenho do autor, 2022

| CORTE E E'

FONTE: Desenho do autor, 2022

| ANEXOS

Desenhos e fotografias do autor

BIBLIOGRAFIA

LIVROS, DISSERTAÇÕES

CHOAY, Françoise – A alegoria do património. Lisboa: Edições 70. 2000. ISBN 9789724412740

GIL, Júlio; CALVET Nuno – As mais belas cidades de Portugal. Volume 1. Edimpresa editora, Lda. 2013. ISBN 989-612-101-X

(RODRIGUES, AL) RODRIGUES, Ana Luísa. Striving for our own spot while avoiding the embrace of the other. An architectural problem of today. Capítulo 7, Cities in Changing World, Questions of Culture, Climate and Design. AMPS Proceedings Series 24.2. New York: June 2021

D'ALTE, Margarida. Re(ver) o Habitar: A casa de uma pessoa invisual. Guimarães. Universidade do Minho, Escola de Arquitetura, 2020. Dissertação de Mestrado.

DUARTE, Joel Silva. Reabilitar, restaurar, reutilizar. Caso de estudo: conjunto habitacional na rua Dom Frei Caetano Brandão, Braga. Guimarães. Universidade do Minho, Escola de Arquitetura, 2020. Dissertação de Mestrado.

MENDES, Maria Inês. Herança Senhorial em Amarante: Para uma retrospectiva arquitetónica da casa dos Macedos. Guimarães. Universidade do Minho, Escola de Arquitetura, 2021. Dissertação de Mestrado.

PEIXOTO, Hélio Ribeiro. Adaptabilidade do construído: Reconversão da antiga Adega Cooperativa de Braga em coabitação. Guimarães. Universidade do Minho, Escola de Arquitetura, 2021. Dissertação de Mestrado.

PINTO, Catarina Isabel. Casa Mínima: Métodos de Otimização do Espaço Interior Mínimo. Guimarães. Universidade do Minho, Escola de Arquitetura, 2020. Dissertação de Mestrado.

ARTIGOS, WEBGRAFIA

AMARANTE, Arquivo Municipal. Departamento de Planeamento, Projeto e Gestão do Território.

AMARANTE, Município. Reabilitação Urbana na cidade de Amarante. Novembro 2017. Disponível no site da Câmara municipal de Amarante: <https://www.cm-amarante.pt/>

BENTO, HELENA. Há boas notícias sobre o estado da nossa ansiedade e más sobre a qualidade do sono: um estudo do confinamento. Publicado em Jornal Expresso, maio 2020.

BENTO, HELENA. Covid-19. Pessoas que continuam a trabalhar têm menos ansiedade e depressão. Publicado em Jornal Expresso, abril 2020.

CASTRO, Sanches. Publicado na revista ABC, 11 setembro de 1922. (Excerto de texto fornecido pelo proprietário da casa)

CHAÍÇA Inês. Primeiro caso em Portugal foi há três meses. Dos infectados, 60% já recuperaram. Disponível em TSF Rádio de Notícias, 02 março 2020.

Entidade reguladora da Saúde, em <https://www.ers.pt/pt/>

GARCIA, Andreia. Pós distância arquitetónica: uma breve reflexão sobre arquitetura contemporânea. Disponível em Fundacion Arquia Blog, janeiro 2022.

HARROUK Christele. Arquitetura pós COVID-19: a profissão, os escritórios e os autônomos, maio 2020. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/939751/arquitetura-pos-covid-19-a-profissao-os-escritorios-e-os-autonomos>

MARTINS, Rubén. Coronavírus: O dia em que Portugal entrou em “estado de alerta”. Disponível em Jornal Público, março 2020.

MORGADO, Pedro. Saúde Mental, Urbanismo E Arquitetura – Da Normalidade À Pandemia. Seminário do Conhecimento Avançado, Programa Doutoral em Arquitetura 2020/2021, maio 2021.

MORGADO, Pedro “Saúde mental em tempos de pandemia COVID-19: uma perspetiva da Medicina”. In Martins, M., Rodrigues, E., A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo II: (Re)Ações. UMinho Editora, novembro de 2020.

NAMORA, Filipa. De que forma esta pandemia afetou e irá afetar o mundo do Design de Interiores e da Arquitetura? O que mudará? Disponível em visão.sapo.pt, abril 2020.

RICO, Carolina. Confirmado primeiro caso de coronavírus em Portugal. Segundo caso aguarda contra-análise”. Disponível em Jornal Público, março 2020.

SALEMA, Isabel. Trabalhar durante a pandemia, mesmo que só remotamente, é melhor para a saúde mental. Publicado em Jornal Público, 21 abril 2020

SANTOS, William. A importância da arquitetura na prevenção e no controle de doenças. Disponível em Archdaily. Abril 2021.

SNS 24, <https://www.sns24.gov.pt/> consultado em 2021

Saude mental <https://saudemental.p5.pt/about-us>

World Health Organization. em <https://www.who.int/pt/home> consultado em 2021

<https://www.pinterest.pt/pin/573083121339880403/>

<https://www.pinterest.jp/pin/386394843027095723/>

<https://www.pinterest.pt/pin/493918284139903002/>

<https://www.pinterest.pt/pin/51228514501414609/>

<https://www.pinterest.pt/pin/25684660365261678/>

